



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**(RE)CONSTRUÇÕES DAS HISTÓRIAS DE MARIA FIRMINA, ANTONIETA,
DANDARA E MARIA FELIPA NOS TEXTOS LITERÁRIOS DE JARID
ARRAES**

LETICIA SANTOS SOUZA

São Cristóvão/SE

2026

LETICIA SANTOS SOUZA

**(RE)CONSTRUÇÕES DAS HISTÓRIAS DE MARIA FIRMINA, ANTONIETA,
DANDARA E MARIA FELIPA NOS TEXTOS LITERÁRIOS DE JARID
ARRAES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos literários

Linha de pesquisa: Literatura Comparada

Orientadora: Profa. Dra. Alessandra Corrêa de Souza.

São Cristóvão/SE

2026

Dedico esta pesquisa ao meu avô José
Odilon dos Santos e minha Mãe Sônia
Cristina Carmo dos Santos.

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela bolsa concedida no segundo ano do mestrado, a qual me possibilitou a dedicação somente a escrita nos últimos meses para qualificação.

À orientadora professora doutora Alessandra Corrêa de Souza que esteve presente em minha pesquisa com indicações de leituras e por contribuir com o meu crescimento enquanto pesquisadora e professora antirracista.

Às professoras doutoras Rosemere Ferreira da Silva e Sara Rogéria Santos Barbosa presentes na banca que contribuíram com o crescimento desta pesquisa. E, meus agradecimentos a professora suplente Janaina Cardoso de Mello.

Agradeço a Deus e minha mãe que nesse percurso foram meu alicerce emocional nos momentos que achei que não iria conseguir.

Aos meus familiares, principalmente Stefany, Iago e Erinaldo por me ajudarem financeiramente a comprar os livros físicos que compõem o corpus desta pesquisa.

Aos meus três irmãos, Kelly, Yago e Stefany que me abraçaram e sempre disseram que eu seria capaz.

Ao meu cachorro Nino que nesses dois anos se tornou meu apoio emocional nas madrugadas de leituras e escrita.

As minhas amigas Ângela e Vitória que sempre tiravam um tempo para ouvir os meus medos e receios desta caminhada. Agradeço aos presentes que a pós-graduação me deu: Jéssica Francisca Mota dos Santos e Daiana Castro Barbosa por segurarem em minhas mãos no momento em que mais precisei.

E por fim, agradeço a mim, por ter sonhado em 2019 com esse mestrado e realizado com força e resiliência.

RESUMO

A dissertação de mestrado intitulada “Reconstruções das histórias de Maria Firmina, Antonieta, Dandara e Maria Felipa nos textos literários de Jarid Arraes. Nesse viés, o problema da pesquisa surge da indagação de como a mulher negra é representada na literatura brasileira. Nessa mesma perspectiva aporta-se as histórias de Maria Firmina, Antonieta, Dandara e Maria Felipa a partir das intersecções de raça, gênero e classe, assim como a ancestralidade que atravessa a história dessas heroínas. Ademais, apresenta-se a literatura afrocentrada que proporciona visibilidade a autoria feminina negra, uma vez que a história única eurocentrada a marginaliza com o racismo estrutural. Através de um comparativo entre lenda e cordel analisa-se duas obras literárias, sendo elas: Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis (2020) e As lendas de Dandara (2016) de Jarid Arraes. Na seção I problematiza-se a literatura como dispositivo para a educação antirracista, apresenta-se a literatura afrocentrada e o relato de experiência pedagógica antirracista da autora dessa dissertação. Na seção II as intersecções de raça, gênero e classe que atravessam as mulheres negras. Como última seção foram delineados diálogos entre a escrita de cordel e lenda de Jarid Arraes. E, as referências que contribuem para efetivação desse trabalho científico composta por Patrícia Hill Collins (2022); Bárbara Carine (2023); Sueli Carneiro (2009); Cuti (2010); Cida Bento (2022); entre outras. Outrossim, ressalta-se o papel de representatividade de Jarid Arraes em reivindicar espaços de mulheres negras como eixo estruturante na historiografia brasileira.

Palavras-chaves: Literatura afrocentrada; heroínas negras; Jarid Arraes; interseccionalidade.

RESUMEN

La tesis de maestría, titulada “Reconstrucciones de las historias de Maria Firmina, Antonieta, Dandara y Maria Felipa en los textos literarios de Jarid Arraes”, busca, desde una perspectiva de educación antirracista, dar visibilidad a textos literarios escritos por mujeres negras. En este sentido, el problema de investigación surge de la pregunta sobre la representación de las mujeres negras en la literatura brasileña. Desde esta misma perspectiva, las historias de Maria Firmina, Antonieta, Dandara y Maria Felipa se analizan desde la intersección de raza, género y clase, así como desde la ascendencia que impregna la historia de estas heroínas. Además, se presenta la literatura afrocéntrica, que visibiliza la autoría femenina negra, dado que la narrativa eurocéntrica predominante las margina a través del racismo estructural. Mediante una comparación entre leyenda y cordel (un tipo de literatura popular brasileña), este estudio analiza dos obras literarias: **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis** (2020) y **As lendas de Dandara** (2016) de Jarid Arraes. La Sección I problematiza la literatura como herramienta para la educación antirracista, presenta literatura afrocéntrica y relata la experiencia pedagógica antirracista del autor. La Sección II examina las intersecciones de raza, género y clase que afectan a las mujeres negras. En la sección final, se trazaron diálogos entre la literatura cordelera y la leyenda de Jarid Arraes. Las referencias que contribuyen a la efectividad de este trabajo científico son las de Patrícia Hill Collins (2022); Bárbara Carine (2023); Sueli Carneiro (2009); Cuti (2010); Cida Bento (2022); entre otras. Además, se resalta el papel representativo de Jarid Arraes en la reivindicación de espacios para las mujeres negras como eje estructurador en la historiografía brasileña.

Palabras clave: Literatura afrocéntrica; heroínas negras; Jarid Arraes; interseccionalidad.

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S729 Souza, Letícia Santos
(Re)construção das histórias de Maria Firmina, Antonieta,
Dandara e Maria Felipa nos textos literários de Jarid Arraes /
Letícia Santos Souza ; orientadora, Alessandra Corrêa de
Souza.– São Cristóvão, SE, 2026.
94 f. : il.

Dissertação (mestrado em Letras) – Universidade Federal de
Sergipe, 2026.

1. Conscientização racial na literatura. 2. Negras na
literatura. 3. Negras. 4. Heroínas. I. Arraes, Jarid, 1991 - - Crítica
e interpretação. II. Souza, Alessandra Corrêa de, orient. III. Título.

CDU 821.134.3(81).09

LETICIA SANTOS SOUZA

**(RE)CONSTRUÇÕES IMAGÉTICAS DAS HISTÓRIAS DE DANDARA,
MARIA FELIPA, MARIA FIRMINA DOS REIS E ANTONIETA DE
BARROS
NOS TEXTOS LITERÁRIOS DE JARID ARRAES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para obtenção de título de Mestre em Letras sob orientação da Dra. Alessandra Corrêa de Souza. Área de concentração: Estudos literários
Linha de pesquisa: Literatura Comparada

Aprovado em: **24 de Fevereiro** de 2026.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 **ALESSANDRA CORREA DE SOUZA**
Data: 26/02/2026 16:06:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª. Alessandra Corrêa de Souza. (orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Documento assinado digitalmente
 **ROSEMERE FERREIRA DA SILVA**
Data: 26/02/2026 17:28:07-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª. Rosemere Ferreira da Silva

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Documento assinado digitalmente
 **SARA ROGERIA SANTOS BARBOSA**
Data: 26/02/2026 16:40:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^ª Dr^ª. Sara Rogéria Santos Barbosa

Universidade Federal de Sergipe (UFS)

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Menina do sexto ano desenha a professora Leticia.

IMAGEM 2: Antonieta de Barros.

IMAGEM 3: Criação de Dandara na ilustração de Jarid Arraes.

IMAGEM 4: O encontro de Dandara com Iansã.

IMAGEM 5: Dandara com a tocha na mão simboliza liberdade para os seus irmãos.

IMAGEM 6: A morte de Dandara.

IMAGEM 7: Maria Felipa - inteligência artificial

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estereótipos colocados em pessoas negras.

Tabela 2: Respostas positivas dos alunos.

Tabela 3: Respostas negativas dos alunos.

Tabela 4: Dados de leitores e não leitores.

Tabela 5: Resposta dos alunos referente a importância da leitura.

Tabela 6: Quilombos que existiram no Brasil.

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. A literatura como dispositivo para a educação antirracista.....	15
1.1. O percurso da literatura afrocentrada.....	16
1.2. O relato de experiência da autora desta dissertação.....	23
2. As intersecções de raça, gênero e classe que atravessam as mulheres negras.....	39
2.1. O silenciamento da primeira romancista brasileira Maria Firmina dos Reis.....	42
2.2. Antonieta de Barros: a intelectual negra, racismo estrutural e o seu papel de ativista na educação antirracista.....	51
3. Os diálogos entre a escrita de Cordel e lenda de Jarid Arraes.....	60
3.1. A resistência de Dandara dos Palmares na luta contra a escravidão.....	62
3.2. A ancestralidade de Maria Felipa na ilha de Itaparica.....	78
Considerações finais.....	87
Referências.....	89
Referências Eletrônicas.....	93

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa científica é o caminho para aprofundar discussões antirracistas no meio acadêmico. À vista disso, apresenta-se a literatura afrocentrada que busca recontar a história na voz dos silenciados. Ao repensar essa narrativa consegue-se visualizar o negro como protagonista da própria trajetória.

Em concordância com a visibilidade de escritores negros, principalmente mulheres que sofrem com a interseccionalidade de raça, gênero e classe. A educação antirracista é o elemento principal para trabalhar na estrutura do racismo enraizado no Brasil.

A revista *Philos* em seu artigo *O (não) lugar das mulheres na literatura: uma história de apagamento, consumo e resistência*; por Ana Cláudia Oliveira, investiga sobre o lugar da mulher negra na literatura. Esse apontamento revela que entre 1965 - 2014 cerca de 20% de mulheres negras tinham livros publicados. E que publicações que antecedem o ano de 1980 os dados são ainda mais desfavoráveis.

Neste contexto, pode-se mencionar a romancista Maria Firmina dos Reis que escreve a obra *Úrsula*, uma das primeiras escritoras negras na geração abolicionista, possui uma escrita antiescravista em um momento que existiam mais pessoas escravizadas. Por isso, esta dissertação questiona as estruturas de opressões, as quais têm como único objetivo - representar alguns lugares por um determinismo específico, ou seja, grupos que não fazem parte da branquitude na literatura brasileira e que ocupam papéis secundários ou estereotipados no ambiente da escrita literária.

O site *Associação Brasileira das Instituições Comunitárias na Educação Superior* aborda que 70% dos livros publicados são de homens. E 97,5% são de homens brancos. Desse modo, questiona-se a ausência da cultura dos afrodescendentes na historiografia brasileira. Atenta-se para o imaginário social que naturaliza as formas de como as sociedades organizam e excluem pessoas. As mídias e os meios de comunicação reiteram essa visão única sobre as pessoas negras nas telenovelas, nos filmes, nos programas humorísticos e outros.

Assim, reflete na psiquê da sociedade de pensar em lugares sociais de prestígios apenas para pessoas racializadas como brancas. Nessa linha argumentativa, problematiza-se a ausência das personagens históricas negras na literatura brasileira. Especificamente os cordéis que estão inseridos no livro de Jarid Arraes, sendo eles: que tratam sobre a bibliografia da vida de Antonieta de Barros, Dandara dos Palmares, Maria Felipa e Maria Firmina dos Reis.

Estas mulheres foram e são importantes na construção social de nosso país, na luta de resistência dos povos afrodescendentes e são inspirações. Dessa forma, trago a interseccionalidade de raça, gênero e classe de Patrícia Hill Collins (2022) ao debate: [...] A interseccionalidade visa explicar o mundo social e o pensamento heurístico fornece um caminho acessível para pessoas que a utilizam para tratar de problemas sociais específicos. [...] (Collins, 2022, p.41)

Com isso, a interseccionalidade dialoga de forma direta com os apagamentos e silenciamentos com o intuito de discutir e apresentar a partir da raça, gênero e classe como as violências sofridas pela população negra estão enraizadas no Brasil. Collins (2022) propõe relacionar o dispositivo analítico, a metáfora que parte do pressuposto do pensar e agir a partir da base que estrutura a sociedade brasileira.

Ao pensar nesses lugares, observa-se as ideias de subordinação do sistema que age em prol das violências que afetam o processo de equidade. Diante disso, a interseccionalidade de gênero na escrita literária de cordel atravessa a autoria de mulheres negras por historicamente ser um lugar marcado pela escrita masculina. Ao trazer este corpus textual, implica em pensar as mulheres como sujeitos da própria história. As perspectivas discursivas dialogam entre si e rompem com o apagamento literário que está presente na literatura brasileira, a qual promove privilégios ao enunciador branco.

Sendo assim, é necessário repensar e analisar os discursos daquelas pessoas que estão no poder. Questionar se eles são inclusivos ou excludentes para ter uma representação relevante no sistema político. E, assim como Djamila Ribeiro (2020) defende, todos nós temos um lugar de fala, esse o qual faz parte do nosso contexto social, sendo necessário que as pessoas se posicionem sem pretextos, pois a neutralidade também é uma posição.

Para este texto científico, a escolha de analisar textos literários tem como intuito de trazer as mulheres negras como protagonistas de suas histórias, visto que, ao longo das

narrativas, elas são representadas em papéis sociais secundários e subalternizados. Por intermédio da literatura comparada, pode-se investigar como essas cidadãs foram apresentadas na literatura brasileira.

Conforme Sandra Nitrini (2010) a literatura comparada permite o contato de um autor com outro e o chama de “resultado autônomo”. Essa assertiva é representada pela arte literária que possibilita a compreensão da obra analisada por existir semelhanças entre as histórias. “De modo que, para ele, o estudo de influências é a pesquisa de semelhanças escondidas, de parentescos secretos entre duas visões de mundo”. (Nitrini, 2010, p.10) Efetivamente, isso contribui no processo de compreensão e comparação da escrita literária. Além disso, realizar um comparativo entre as histórias das heroínas negras que se entrelaçam no decorrer das análises.

Mulheres negras são consideradas pouco capazes porque existe um sistema econômico, político e jurídico que perpetua essa condição de subalternidade, mantendo-as com baixos salários, fora do espaço de decisão, expostas a todo tipo de violência. (...) (Almeida, 2021, p. 67)

Diante do supracitado, nota-se a construção de uma luta política construída por mulheres negras que visa propor espaços igualitários e ocupar lugares com discussões que necessitam ser pautas das desconstruções diárias em nossa sociedade. Em diálogo com esse debate expõe os trabalhos acadêmicos – artigos que dialogam diretamente com a presente investigação científica que são: Jarid Arraes e a poética de resistência de Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira (2018) da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Erguer a voz: as representações das mulheres negras na literatura de cordel de Jarid Arraes de Bruna Gabriella Santiago Silva (2022) da Universidade Federal de Sergipe; Literatura e interseccionalidade: resistência feminina decolonial (2022) de Adrieli Pacheco Sperandir.

A pesquisa de Doutorado intitulada Jarid Arraes: Assunção da voz de mulheres negras na Universidade Fluminense de Angela da Silva Gomes. Em 2021 na Universidade de Taubaté, um mestrado na área de linguística com o título: Heroínas negras do Brasil em cordéis: uma proposta de leitura para a formação leitora de Maria Alzirene Nascimento. Outra dissertação na Universidade do Paraná Heroínas Negras Brasileiras, De Jarid Arraes: Perspectivas Dos Feminismos Descoloniais Na Construção Da Narrativa De Cordel de Jiliane Movio. Na Universidade de Mato Grosso do Sul de Ligia Chaves Ramos Jarid Arraes e seus cordéis feministas: o soar de vozes negras silenciadas.

Na Universidade da Bahia uma dissertação de mestrado com a temática: A mulher negra em cordéis de Jarid Arraes: Uma proposta de compreensão leitora por Rubiene Vieira de Jesus. Na Universidade Rural do Rio de Janeiro de Diogo Coutinho Santana O protagonismo negro nos cordéis de Jarid Arraes: uma proposta de letramento literário para educação de jovens e adultos. A dissertação de mestrado mais recente defendida em 2024 de Bruna Augusta Marques intitulada :Narrativas de (Re) existência por entre versos e imagens: heroínas negras brasileiras em 15 cordéis, de Jarid Arraes. Entre outras.

As pesquisas citadas trazem a escrita de Jarid Arraes como uma forma de trazer visibilidade ao protagonismo e resistência no caminhar da mulher negra. Observa-se a escrita de diversas mulheres em estados diferentes que refletem a escrita antirracista com o foco em repensar a única narrativa contada. Essas intelectuais citadas acima em sua perspectiva analítica visam apresentar outra perspectiva histórica, pois, não se deve apagar a história, e sim, repensar nos discursos que são repetitivos que silenciam vozes. Frente a tudo exposto, deve-se utilizar os espaços para tensionar o sistema político com o foco que todos possam ser tratados de forma igualitária. Conforme Cida Bento (2022) discursa em seu livro *O pacto da branquitude*: [...] é um fenômeno de um pacto não verbalizado entre pessoas brancas, que visam manter seus privilégios. [...] (Bento,2022, p.18.)

Dessa maneira, a presença histórica e literária das heroínas negras que compõe essa dissertação deve estar nas emendas de ensino das escolas e universidades com o objetivo de alcançar formações igualitárias ao utilizar a literatura afrocentrada como instrumento para minimizar o racismo institucional. Contudo, alcançar esse patamar requer luta, principalmente pelos educadores. Pois, as mulheres negras ainda são invisibilizadas e sub-representadas, sem privilégios simbólicos e seus saberes são desrespeitados, até os dias atuais.

O problema de pesquisa desta dissertação parte da seguinte indagação: Como as mulheres negras são representadas na literatura brasileira? Em particular, como o protagonismo das personagens históricas Dandara dos Palmares, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis e Antonieta de Barros é reconstruída nas obras “Heroínas negras em cordéis” (2016) e “As Lendas de Dandara” (2020), de Jarid Arraes?

Os objetivos específicos: Analisar a literatura como dispositivo analítico para a educação antirracista; apresentar, a partir do marcador interseccional de raça, gênero e

classe, de que modo os estereótipos impostos às mulheres negras contribuíram para os silenciamentos na historiografia brasileira, bem como os textos literários apresentados nesta dissertação reconstroem histórias plurais das personagens históricas escolhidas neste trabalho; realizar uma análise comparativa entre os gêneros literários da lenda e do cordel, a fim de compreender as representações e semelhanças na reconstrução das figuras de Dandara dos Palmares e Maria Felipa.

O corpus de análise deste trabalho será composto por personagens históricas como: Dandara dos Palmares, Maria Felipa, Antonieta de Barros e Maria Firmina dos Reis que estão presentes no livro *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis* de Jarid Arraes e a obra: *As lendas de Dandara*, que conta em ficção sobre o nascimento da jovem. Analisa-se toda violência e o apagamento sofrido pelas heroínas negras escolhidas, como também forjar iniciativas antirracistas a partir de uma experiência pedagógica.

A hipótese desta pesquisa é a desconstrução da projeção única sobre mulheres negras, a qual possibilitará construir novas hipóteses, pois, as violências e os estereótipos frente aos grupos não-brancos são diários e contribui para a naturalização de narrativas únicas em nosso cotidiano. É de suma importância pensar a literatura como parte da construção do indivíduo, sendo por intermédio dela que as projeções e representações podem ser construídas.

Diante disso, a primeira seção remete as discussões referente à compreensão da literatura afrocentrada, educação antirracista e uma experiência pedagógica que permite unir leitura e prática. A segunda seção trata-se da interseccionalidade que atravessam as histórias de Maria Firmina dos Reis e Antonieta de Barros, ambas acreditam na educação como um caminho para mudar a realidade do contexto social que o indivíduo negro está inserido. Na seção três, à ancestralidade entre as histórias de Dandara dos Palmares e Maria Felipa, duas heroínas que utilizam a liberdade, a religião de matriz africana e o fogo como instrumento para abrir caminhos. Além de revelar como as histórias dos autores se encontram na perspectiva africana.

SEÇÃO 1

A LITERATURA COMO DISPOSITIVO PARA A EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA.

A literatura afrocentrada surge para apresentar a história dos afrodescendentes a partir da perspectiva dos silenciados. Através dessa literatura é possível reconstruir narrativas que contestem o discurso colonialista, ao invés de reproduzi-lo. Para um entendimento alicerçado do conceito sobre a literatura afrocentrada, cito a definição de Renato Nogueira dos Santos Junior (2010):

[...] Os termos “centro” e “afrocentrado”, as expressões “estar centrada” ou ser “uma pessoa afrocentrada” dizem respeito às perspectivas de localização dentro de suas próprias referências históricas e culturais, sem nenhum desmerecimento às outras. Mas, evitando a marginalização ou invisibilização de sua própria trajetória histórica e cultural e, por conseguinte, todas as consequências negativas de não se reconhecer no projeto civilizatório e de produção de saberes ao longo da história da humanidade. [...] (Junior, 2010, P.3)

O termo afrocentricidade constitui um dispositivo para se reconhecer e proporcionar visibilidades para aquelas referências históricas que foram silenciadas e marginalizadas pelo racismo estrutural. Nesse sentido, a hegemonia das narrativas eurocêntricas restringe o acesso e a escrita de obras cujos protagonistas reflitam a identidade e a ancestralidade de pessoas negras. Por essa razão, a transição da condição de objeto para a de sujeito da própria escrita revela-se uma posição política e intelectual na afirmação da identidade.

Essa nova ótica permite repensar os padrões de princesa reproduzidos pela mídia, especificamente a Disney. Desde muito pequenas, as crianças, e principalmente as meninas são bombardeadas por uma série de desenhos animados nos quais figuram uma princesa e um príncipe. A maioria dessas princesas é branca, enquanto aquelas representadas como negras ou fora do padrão hegemônico são raríssimas.

Filmes como Barbie, A branca de neve, A bela e a fera, A bela adormecida e muitos outros reforçam estereótipos que envolvem um único padrão de beleza. Desse modo, pensar outras narrativas possíveis, como as oferecidas pela literatura afrocentrada, torna-se essencial. Uma vez que essa literatura simboliza a estética e identidade como ato

de resistência de um povo, fazendo com que pessoas que não são apresentadas pelo padrão hegemônicos se vejam como protagonistas da própria história.

Diante do exposto, o padrão racial está presente no inconsciente coletivo, porque historicamente esse pensamento foi estruturado a partir das invasões ao continente africano para justificar os estereótipos atribuídos às pessoas negras. Com esse pensamento constrói-se o racismo, uma ideologia discursiva que visa desumanizar o outro ao ponto de camuflar os discursos coloniais no mundo contemporâneo, principalmente ao normalizar ofensas racistas disfarçadas de discurso de ódio. “[...] O racismo é um multiplicador ideológico que se nutre de ambições políticas e expansionistas das nações dominadoras. [...]” (Moura, 1994, p. 2) Dessa maneira, percebe-se que o racismo constrói a imagem do outro a partir de seus interesses sociais, políticos e econômicos. Como pode visualizar na tabela a seguir:

Tabela II: Estereótipos colocados em pessoas negras.

Infantilização	O sujeito negro torna-se a personificação do dependente – o menino, a menina, a criança ou a/o serva/o assexuada/o – que não pode sobreviver sem o senhor.
Primitivização	O sujeito negro torna-se a personificação no incivilizado – a/o selvagem, a/o atrasado/a, a/o básico/a ou o/a natural -, aquele que está mais próximo da natureza.
Incivilização	O sujeito negro torna-se a personificação do outro violento e ameaçador- a/o criminoso/a, a/o suspeita/o, a/o perigosa/o -, aquele que está fora da mente.
Animalização	O sujeito negro torna-se a personificação do animal - a/o selvagem, a/o primata, a/o macaca/o, a figura do “king Kong” -, outra forma de humanidade.
Erotização	O sujeito negro torna-se a personificação do sexualizado, com um apetite sexual violento: a prostituta, o cafetão, o estuprador, a/o erótica/o e a/o exótico/a.

Fonte: (Kilomba, 2019, p. 79)

Ao analisar os estereótipos apresentados na tabela voltados a classificar os afrodescendentes na história pós-abolição, percebe-se que, neste contexto, os escritores começam a escrever sobre os escravizados. E nessas escritas, pode-se identificar a interseccionalidade de raça, gênero e classe como um jogo de poder. Observe o pensamento de Patrícia Collins (2022): “A interseccionalidade visa explicar o mundo social, e o pensamento heurístico fornece um caminho acessível para pessoas que a utilizam para tratar de problemas sociais específicos.” (Collins, 2022, p. 41)

Ao mencionar que o dispositivo analítico citado acima é um instrumento para unificar problemáticas, volta-se às adjetivações referidas as mulheres negras na literatura brasileira apresentadas por Grada Kilomba (2019). Nota-se que essa caracterização

coloca, de forma estratégica, pessoas não brancas em papéis sociais secundários no imaginário da sociedade.

Consoante a isso, o site *Alma Preta* traz um estudo sobre papéis que mulheres negras ocuparam na novela da Globo, equivalente a 16%. A matéria aponta que o grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEEMA) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) realiza uma investigação com recorte de (1977- 2023) onde 254 novelas foram analisadas e confirmam que nesse período atores brancos compõem 86,4%, 7,9% pretos e 5% pardos. Essa comprovação das novelas da globo revelam que as relações de poder reproduzem violências de raça, gênero, classe, sexualidade e nacionalidade. A interseccionalidade une essas problemáticas com o objetivo de discutilas, porque as mulheres negras são atravessadas por cada uma delas. Dito isso, conforme Patrícia Collins (2022), discute que dificilmente as intersecções acima são compreendidas se forem trabalhadas de forma individualizada.

Djamila Ribeiro (2018) apresenta um diálogo com sua filha que mostra a importância de obter equidade para que outras meninas possam acreditar que é possível chegar em lugares que todos desacreditam. “Minha filha se interessou por jogar tênis por causa de Serena. Quando tinha três anos, ela viu jogando e disse: “Olha, mãe, ela é negra como eu! Também quero jogar tênis. [...]” (Ribeiro, 2018, p. 54) Diante deste comentário, percebe-se a relevância de refletir sobre esse fato, e julgá-lo com pouca significância desconhece a dor de nunca ser visto como protagonista, os dados mencionados outrora pelo site *Alma Preta* reitera a fala de Djamila Ribeiro, à ausência de mulheres negras em papéis importantes tira da juventude negra a representação.

Em concordância com o que foi dito, a problemática que Ribeiro (2018) aborda. Clóvis Moura (1976, p.20) refuta em seu livro: *Preconceito na literatura* a projeção da mulher negra: “Uma das formas de inferiorização da mulher negra é colocá-la como objeto de gozo sexual do macho branco.” Ao realizar um comparativo entre as citações de Ribeiro (2018) e Moura (1976) diante das projeções impostas às mulheres negras, relembra-se a visão estereotipada da erotização da mulher negra no período escravocrata e nas obras que são consideradas cânone literário. E assim, a literatura é dividida em dois caminhos: o primeiro que busca apagar, inferiorizar, e o segundo, trazer as mulheres negras como sujeitos e protagonistas das suas histórias.

Observem algumas obras selecionadas que dialogam com a crítica de Grada Kilomba (2019). A poética de Gregório de Matos que caracteriza a mulher negra como mulata, inferioriza ou a coloca como objeto de prazer do homem branco. Sua escrita transparece o pensamento do século XVII onde aborda a mulher branca que é tratada com respeito e sentimentos, e a negra com desprezo.

Outro escritor, José de Alencar, em sua peça *O demônio familiar* o personagem que faz o papel do demônio é o menino negro que traz confusões para o ambiente familiar e sua maior punição é a liberdade, esse cenário representa a rejeição do garoto. Além disso, o escritor aborda em sua escrita que a escravidão era algo natural e sem ela a América não teria se desenvolvido.

Outra obra que possui as mesmas perspectivas é a escrita de Bernardo Guimarães (1875) em *Escrava Isaura* – a protagonista passa pelo processo de miscigenação, mesmo sendo uma mulher que nasce de uma relação de violência entre um homem branco e uma mulher escravizada. Essa história foi romantizada, sobretudo, carregam marcas de violências contra mulheres negras que tinham que se submeter aos deleites dos senhores da casa grande. A figura da mulher negra na literatura brasileira é transmitida em diversos contextos no lugar da subalternidade.

O cortiço (2000) também é um livro que aponta o racismo de forma explícita presente no Rio de Janeiro, onde Aluizio de Azevedo vai expor a criação das favelas e a formação da elite brasileira. Além disso, existe a presença da projeção da mulher negra realizada por Bertoleza, a qual é representada no livro de forma animalizada, sexualizada, há também exploração no trabalho doméstico e precarização das trabalhadoras negras.

Conforme Chimamanda Adiche (2019) A história não pode ser apagada, no entanto, obras como essas que são utilizadas nas salas de aulas devem ter seus enredos problematizados. Sobretudo, no curso de Letras e por professores racializados como brancos. Por isso, a importância da afrocentricidade é rasurar verdades absolutas construídas por uma única versão da história, excluir o discurso único e apresentar olhares plurais para os textos literários.

(...) O negro na literatura brasileira, enumera diversos autores brancos que apresentam personagens ou motivos referentes à descendência africana. Mas, além de apresentar as obras, o autor vai um pouco mais adiante, revelando com essas personagens são abordadas, resultando “um estoque de concepções e de caracterizações como a da bela mulata, o negro fiel e o escravo sofredor.” (Cuti, p. 65, 2010).

Segundo Cuti (2010) diante de um histórico que remete concepções estereotipadas e de invisibilidade aos personagens negros na literatura, a escrita emerge como uma estratégia fundamental no processo para a identificação do sujeito que reflita a realidade e a estética dos afrodescendentes. Nesse viés de resistência, as mulheres negras que fizeram histórias, como: Maria Firmina dos Reis, filha natural da escravizada alforriada Leonor Felipa dos Reis que foi aprovada em um concurso público para ocupar a cadeira de instrução primária na Vila de São José de Guimarães, no município de Viamão. Fundadora da primeira escola mista e gratuita em 1880 em Maçaricó (Maranhão) e dedicou sua vida a diversas publicações.

Ademais, Carolina Maria de Jesus, filha de negros que migram para cidade no início das atividades pecuárias na região de Sacramento Minas Gerais. Oriunda de família humilde, seu acesso à escola foi limitado. No entanto, uma leitora de tudo aquilo que tinha acesso. Diante disso, cria o hábito de escrever e dar início a trajetória como escritora. Sua primeira obra publicada foi *Quarto do despejo*, que relata sobre o cotidiano da sua realidade. Porém, não imagina que essa obra seria intitulada como: *Diário de uma favelada*.

Mulher negra, historiadora e ativista: Maria Beatriz Nascimento. Conforme Florentina da Silva (2019) a intelectual viveu de 1942 a 1995, no decorrer da sua trajetória enfrenta diversas dificuldades, como: racismo e sexismo. Como ativista na luta antirracista tenta desenvolver estratégias epistemológicas com o objetivo de propor alternativas para as discriminações que as atravessam. Busca investigar discursos violentos da sociedade brasileira e escolhe o quilombo como ferramenta metodológica.

Apresenta-se Jarid Arraes (2016 e 2020), a literata das obras analisadas no corpus desta pesquisa. A escritora nasce em Juazeiro do Norte, Ceará, em 1991 e atualmente reside em São Paulo, onde ministra um curso de escrita. A infância da jovem é marcada por livros e cordéis, por ser filha e neta de cordelistas e xilogravadores. Desde os oito anos a literatura faz parte da sua rotina, principalmente o cordel, tendo ela mais de 70 cordéis publicados.

Ao longo da sua vida, a autora percebe o acesso limitado das suas leituras e a ausência de não se ver nos textos. Neste momento, ela decide investigar sobre a escrita de mulheres negras e aos vinte anos de idade começa a publicar textos sobre feminismo

e mulheres negras em blog, sendo eles: Mulher Dialética, blogueiras feministas e o Blogueiras Negras. Nesse viés de pesquisas, Jarid Arraes realiza uma busca pelas heroínas negras e ao conhecer a história de Dandara sente que necessita contar ao mundo sobre a trajetória da jovem. Com isso, publica o primeiro livro *As lendas de Dandara* em 2015.

Após essa publicação, a literata começa a escrever sobre outros gêneros literários, entre eles: *Heroína negras brasileiras em 15 cordéis* (junho, 2017); *um buraco com meu nome*, um livro de poesias (julho, 2018); *Redemoinho em dia quente* uma obra que possui vários contos (julho, 2019); publica seu primeiro romance *Corpo desfeito* (junho, 2022). Arraes também organiza uma antologia que reúne 70 poesias de mulheres negras. Em outubro de 2024 publica sua primeira obra infantil *Cordéis para crianças incríveis*. E a sua obra mais recente revela algo mais íntimo ao narrar parte da sua vida como vítima de pedofilia *Caminho para o grito* (outubro, 2025). Jarid Arraes ganha prêmios da Biblioteca Nacional e APCA, além de ser finalista no Jabuti que marca e reescreve a literatura brasileira na perspectiva afrocentrada, sempre ressalta e valoriza as mulheres negras em sua escrita.

Essas mulheres citadas buscam na educação o caminho para alcançar os jovens negros que tiveram os seus direitos à educação usurpado pelo projeto político do sistema brasileiro em deixar esses indivíduos vulneráveis. Algumas leis contribuem para o atraso desses indivíduos no ambiente escolar. Ademais, Antonieta de Barros destaca-se no ambiente escolar. Outra mulher negra que realiza o mapeamento de intelectuais afrodescendentes é Bárbara Carine (2020), que desenvolvem a tecnologia, educação, a medicina e outras áreas da ciência. Contemplem,

Merit Ptah – considerada a primeira mulher cientista no antigo Egito. Rebeca Davis Lee Crumpler – Primeira médica negra do mundo. Sara Boone – inventa utensílios domésticos. Flemmie Pansy Kittrell- Nutricionista. Enedina Alves Marques - primeira mulher negra a se formar em engenharia no Brasil no estado do Paraná. Marie Maynard Daly - a primeira mulher negra que tem o título de doutorado em química nos Estados Unidos. Katherine Johnson – formada em matemática, física e cientista espacial negra. Ivone Lara - primeira mulher negra a fazer parte de compositores e compositoras de uma escola de samba. Gladys Mae West - mulher negra que cria o GPS. Wangari Muta Maathi - cientista, professora e ativista política do meio ambiente, primeira mulher africana que recebe o prêmio Nobel da Paz.

Elisa Maria Ferreira veras da Silva - mulher negra, pioneira na matemática e possui o título mais antigo de doutorado na área de matemática. Octávia Butler - escritora de livros de ficção científica feminista. Marcelle Soares Santos- astrofísica negra brasileira.

E Conceição Evaristo indicada a cadeira da Academia Brasileira de Letras -ABL de Minas Gerais, sua escrita traz as experiências de opressões e marginalizações diárias e a valorizações das memórias ancestrais. Ao pensar na escrita literária afrodescendente compreende-se como uma forma de resistência contra a hierarquia patriarcal racista sob a qual cresce o mundo e atravessam todas essas mulheres em qualquer espaço social.

A intelectual Sueli Carneiro (2009) apresenta o caminhar da luta antirracista, principalmente no ambiente escolar, sendo de relevância que esse debate chegue nas escolas privadas e públicas com o objetivo de criar uma juventude crítica e leitora. Em sua obra *Retratos do Brasil Negro* a luta pelo espaço da literatura afrocentrada é longa. No entanto, os primeiros passos já foram dados por intelectuais negros. “Não sendo recente a reivindicação devida e justa escritura da contribuição do negro em diversos setores e áreas da atividade humana.” (Carneiro, 2009, p.12).

Historicamente, é necessário reportar que as relações de poder que conta a história determinam o caminho da desigualdade social e opta por silenciar as vozes de pessoas negras, ao omitir cenas de resistência, quando a escrita não é apresentada com equidade em comparação às pessoas brancas.

Urge, assim, transpor o déficit documental que timbra a história do negro e das mulheres negras. Por que Abdias Nascimento não goza do mesmo estatuto dos seus contemporâneos brasileiros? Por que alguns setores da ortodoxia da área relutam em considerar Carolina Maria de Jesus uma escritora? Por que se deu, durante anos a fio, ao romance *A Moreninha*, Joaquim Manuel de Macedo, o crédito de tecido, primeiro romance brasileiro, quando na verdade o nosso primeiro romance, *Úrsula*, foi escrito com a pena de uma mulher negra, Maria Firmina dos Reis, em 1859? (Carneiro, 2009, p. 13)

A citação acima questiona as intersecções de raça, gênero e classe na seleção das obras literárias e escritores que carregam o título de clássicos da literatura e ganham prestígio no mundo da escrita. E assim, cita-se a heroína negra, Maria Firmina dos Reis a primeira romancista brasileira que teve seu lugar negado por não possuir poder aquisitivo suficiente para ter o nome registrado. Vale ressaltar que após tempos a escrita de Firmina é reconhecida.

Nessa perspectiva, a intelectual Sueli Carneiro (2009, p. 76) constrói o Geledés, um movimento que procura enaltecer todas as afrodescendentes. Em vista disso, foi eleita

secretária geral do Conselho da Condição Feminina de 1984 a 1987, onde cria o calendário das mulheres negras.

Dessa forma, Geledés é a concretização das reflexões e propostas formuladas ao longo de duas décadas pelo conjunto das mulheres negras brasileiras, para transpor as dificuldades relacionadas à demarcação de um lugar próprio, sem se tornar, no entanto, êmulo do movimento feminista, tampouco do movimento negro.

Com isso, essa organização garante segurança e direitos para a cidadania negra em diversas áreas, sendo elas: educação, saúde, direitos humanos, comunicação, entre outros espaços. O projeto Geledés busca fortalecer a luta antirracista para que pessoas negras possam ocupar espaços de ênfase na sociedade. Infelizmente, o movimento ainda não possui a visibilidade necessária, devido à desvalorização das instituições de ensino diante da escrita afrocentrada. Em síntese, compreende-se que essa dissertação deve se estender a educação antirracista e esses debates serem levados para sala de aula como um dispositivo para desconstrução de estereótipos, no próximo tópico apresento um projeto antirracista realizado no ensino médio em uma escola de rede privada.

1.2. Um relato de experiência pedagógica antirracista

O presente tópico refere-se a uma experiência pedagógica antirracista que permite unir leitura e prática. Após as leituras de Djamila Ribeiro (2019) e Bárbara Carine (2023) entende-se o antirracismo como uma prática social que contribui com os movimentos sociais que buscam desconstruir o racismo estrutural no mundo, além de um dispositivo que conta a história na voz daqueles que foram silenciados.

Dito isso, ao perceber que obtive uma formação incompleta que narra a escravidão como um cenário aceito de forma passiva é omitir o processo abolicionista resistente realizado pelos negros com intuito de trazer a liberdade, não relatam os inúmeros quilombos criados e dentre eles, Palmares que perdurou por mais de cem anos contra coroa portuguesa. Neste contexto educacional, entende-se na graduação após a leitura de Chimamanda Adiche (2019) a reprodução da história única. Nas aulas de Literatura Hispano- Americana I que apresenta uma perspectiva antirracista proporciona reflexões sobre o tipo de professor em formação que desconstrói a única narrativa eurocentrada presente na literatura.

Os textos ministrados na disciplina de literatura canônica não permitem o reconhecimento enquanto mulher negra, ao retrata-las com termos pejorativos, como por exemplo: escrava, mãe preta, mulata, dentre outros adjetivos utilizados para desqualificar

e diminuir. Na formação acadêmica o acesso aos intelectuais negros é limitado, porque nem todo docente tem interesse em repensar o ensino literário com textos contemporâneos que valorizem a estética negra.

Dessa maneira, é necessário revisitar os conhecimentos adquiridos ao longo da formação presente com a necessidade de examinar os conteúdos que eram absorvidos para ser vista como uma professora negra. Esse processo envolve a desconstrução de tudo aquilo que fora ensinado e internalizado. Nesse processo, ao realizar um estágio em 2022 na rede privada em um diálogo com a diretora que ressalta para a vaga ser preenchida seria necessário utilizar o cabelo preso, infelizmente a consciência racial ainda estava a se estruturar e a proposta é aceita.

Em diálogo com este contexto, Cida Bento (2022) aborda a herança do racismo como um ponto crucial para referência de um perfil, ou seja, mesmo que o currículo se enquadre na vaga solicitada, a aparência contabiliza para ocupar a vaga. Porém, a presença naquele ambiente trouxe representação para o pouco número de meninas negras que estudavam ali e muitas delas usavam do desenho para mostrar que se identificavam. Até o dia que uma garotinha diz: “O seu cabelo parece com o meu”. O desenho abaixo registra esse momento:

Imagem I: Menina do sexto ano desenha a professora Leticia



Fonte: Arquivo pessoal

A imagem acima visa desconstruir o discurso estereotipado do racismo estrutural e institucional presente na sociedade e afirmar que a educação antirracista é um caminho constante para que as próximas gerações possam se espelhar nos seus semelhantes. Ao acessar a instituição de ensino privado como professora regente nota-se que o ensino da literatura na educação básica perpassa por dificuldades significativas, porque o professor,

muitas vezes, opta por ensinar apenas gramática na sala de aula. Entretanto, a Legislação Nacional e a Base Nacional Comum Curricular-BNCC que regem o ensino brasileiro vincula a disciplina de literatura ao ensino de língua portuguesa e a partir disso a literatura tem se tornado ausente na vida dos estudantes.

No entanto, esses feitos não são contemporâneos, visto que, desde a ditadura militar em 1964 a educação passa por uma crise de desmonte afetando diversas disciplinas, dentre elas, a literatura. A literatura era ensinada por meio do livro didático para o fundamental maior e ensino médio ao estimular a leitura acerca das análises literárias.

Os resultados foram configurando novos modos de pensar, sentir, querer e agir, derivados de questionamentos contundentes, por exemplo, dos antigos modelos escolares: de ensino de história literária, por meio das escolas literárias, autores e obras canônicos no ensino de 2º Grau; ou de utilização escolar do texto literário como pretexto para ensinar gramática normativa da língua, valores morais e cívico-patrióticos, ou para formar o “aluno crítico” da ideologia dominante. Visando à formação de cidadãos críticos e ativos, como agentes do projeto desejado de transformação social, denunciavam-se os “usos e abusos da literatura na escola”, o “ensino pela literatura”, o “texto como pretexto” (...) (Mortatti, 2014, p. 25)

Nesse sentido, compreende-se que o ensino literário perde o valor com a argumentação de que os professores deveriam criar alunos críticos. No entanto, a literatura também constrói a crítica na formação de cada ser humano, a literatura é o meio de despertar a imaginação, o interesse a leitura, contribui para interpretação e escrita de cada aluno. Segundo Maria do Rosário Longo Mortatti¹ (2014) aborda, os conhecimentos que é produzido para atribuir sentidos para o ensino de literatura contemporânea.

Dessa maneira, a estudiosa Mortatti (2014) aponta que ao vincular à literatura a produção editorial permite que outros gêneros literários possam contribuir assertivamente nas práticas pedagógicas. Logo, não se deve olhar o ensino de literatura apenas vinculado às escolas literárias, escritores europeus, é necessário repensar o território brasileiro, a literatura afrocentrada e valorizar os autores nacionais.

Frente a isso, a educação² permite que o estudante possa ter ou criar de forma individualista e coletiva sua perspectiva de mundo, tendo um olhar crítico para as problemáticas sociais, uma vez que é criado uma identidade a partir da aprendizagem.

¹ Artigo: A história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI.

² [...] "A educação é o ato de socializar com as novas gerações os conhecimentos historicamente produzidos. [...] (Pinheiro, 2023, p. 15)

Com isso, o ambiente familiar em conjunto com o escolar é o lugar onde as raízes do racismo se estruturam³ e atravessam o inconsciente. Por isso, a proposta antirracista deve iniciar nesses ambientes para implodir com as estruturas da sociedade.

Ao refletir diante das questões antirracistas na educação é pensar em práticas que as promovam, enquanto professores de espanhol, português e literatura do ensino fundamental maior e ensino médio. Ao longo da docência surgem diversas narrativas sobre a inclusão e o acolhimento dos alunos. Interpreta-se esse termo como se fosse necessário se enquadrar em um determinado perfil para ser incluído e acrescentar em um determinado ambiente.

Porém, Bárbara Carine traz em seu livro "Como ser um educador antirracista" a pedagogia da implosão:

O que estou chamando aqui de pedagogia da implosão destrói/implode o edifício brancocêntrico ocidental e constrói, a várias mãos, nova festa da diversidade, cada um escolhendo seu par, sua vestimenta, sua comida, seu modo de dançar... Uma verdadeira celebração da existência humana e de suas amplas potencialidades. (Pinheiro, 2023, p.89)

Ao pensar no ensino antirracista é necessário citar que essa abordagem necessita ser realizada em todas as áreas da educação e o professor se torna o instrumento principal para que essa narrativa seja trabalhada na formação de cada um. Nessa perspectiva, todos os docentes brancos, pardos, negros e indígenas juntamente com os demais funcionários presentes nas instituições públicas e privadas precisam estar engajados no desenvolvimento de tarefas de cunho antirracista.

Ademais, as práticas pedagógicas necessitam desconstruir e problematizar o racismo presente em textos, novelas e filmes, dentre outros. Enquanto educadores deve-se questionar esses padrões que impõem qual o lugar do indivíduo a depender do grupo étnico que pertence. O acesso à educação dos negros foi uma estratégia do sistema para manter os africanos vulneráveis. Na perspectiva de Livia Vaz (2023) em sua obra *Cotas Raciais* onde ela apresenta dados estatísticos e leis que limitam o acesso desses indivíduos aos estudos.

A lei 5 de dezembro de 1824 proíbe que o leproso e o negro de frequentar a escola. Decreto nº 7.031-A 6 de setembro de 1878 aborda que os negros só podiam estudar no

³ [...] E embora não se falasse muito de racismo e discriminação em minha casa, a consciência racial se manifestava, por exemplo, quando minha mãe insistia para que meus irmãos nunca saíssem para a rua sem documentos. (Bento, 2022, p. 12 e 13).

período noturno. Outra lei que proíbe escravos e africanos de frequentar a escola nº1 de 14 de janeiro de 1837. Ao observar as leis acima reafirma-se o projeto político da branquitude em atrasar o processo educativo da população negra, por isso a educação antirracista existe para romper os obstáculos impostos pelo racismo. Certamente, os brancos da atualidade não tenham feito as atrocidades que os antepassados fizeram. No entanto, eles ainda se beneficiam⁴ de tais feitos. Contudo, sabe-se que os currículos e as práticas pedagógicas são fundamentados no eurocentrismo⁵. E, muitas vezes, o inconsciente reproduz a visão estereotipada da população negra.

A educação brasileira em 1996 tem um avanço com a lei 9.394 que é a Lei de Diretrizes de bases que assegura o direito de todos à educação em todos os níveis. Após esse ato, em 2003 ela é substituída pela Lei 10.639 Art. 5 que apresenta o ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial do ensino. E depois, a lei 11.645 de março de 2008 que estabelece o ensino de história e cultura afro-brasileira e indígena.

Nesse viés, necessita-se ter coragem para apontar nas instituições a necessidade de trabalhar as questões étnico-raciais presentes na Lei. O que parece uma utopia, porque na prática não é simples, muitas vezes, silenciar é o caminho para assegurar o emprego. Diante desse fato, é necessário criar estratégias para apresentar aos alunos o viés antirracista. Pois, uma educação que promove uma visão única não é um ensino para todos.

Os materiais didáticos apresentados aos alunos de qualquer nível de ensino, seja ele: fundamental menor, fundamental maior, ensino médio, EJA e até o ensino superior devem ser analisados de forma criteriosa para crianças, adolescentes, jovens e adultos possam se reconhecer negros e terem orgulho da sua ancestralidade. Por isso, o reconhecimento é tão importante: [...] onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta. (Pinheiro, 2023, p. 15)

Em vista disso, a literatura é um instrumento para esse reconhecimento. Uma vez que o docente apresenta materiais didáticos que tratam as diversidades culturais dos afrodescendentes, personagens históricas que são valorizadas em sua humanidade. Assim

⁴[...] “Mesmo as pessoas brancas que não acessaram o acúmulo material que seus ancestrais deixaram para as novas gerações têm a facilidade de se projetar nos espaços de poder por representatividade absoluta.” (Pinheiro, 2023, p.33).

⁵ O eurocentrismo é um termo utilizado para designar a centralidade e superioridade da visão europeia sobre as outras visões de mundo.

como, as protagonistas negras que contribuíram de forma significativa na elevação da autoestima e afeto da juventude negra

Ademais, a proposta pedagógica antirracista, um projeto criado em uma instituição de rede privada. A qual o nome não será mencionado por questão de ética e preservação de imagem. O projeto surge a partir do dia 25 de julho que comemora a resistência da mulher negra no Brasil. No dia 02/08/2024 o evento é apresentado na escola intitula-se “*O protagonismo da mulher negra no Brasil*”. O projeto tinha como objetivo geral trazer as mulheres negras como protagonistas de suas histórias e proporcionar outra perspectiva do papel social das afrodescendentes a partir do filme “*A mulher Rei*” disponível na plataforma digital *HBO MAX*. Outrossim, o filme baseado em fatos reais narra a história das *Agojie* que são mulheres guerreiras com o objetivo de proteger o reino africano de Dahomey por volta dos anos 1800. Vale ressaltar que a atriz principal que faz o papel da mulher rei é Viola Davis⁶ que foi vencedora do Oscar.

Além disso, o filme *A Mulher Rei* é escolhido, porque dialoga com a história de Dandara e Maria Felipa, o filme retrata sobre a cultura e as religiões de matriz africana, assim como perpassa em *As Lendas de Dandara*. Ademais, aborda sobre a escravidão, a comercialização de escravizados, a queima dos lugares onde os negros ficam presos, a resistência e entre outros pontos que se cruzam entre as histórias.

Dessa forma, a proposta de apresentar o filme surge para que os alunos possam observar a sociedade fora do padrão e da narrativa que estão acostumados. Logo após o momento cinema, os alunos do fundamental maior e médio foram para a quadra assistir uma peça criada pelos alunos do terceiro ano do ensino médio, intitulada como “*Vozes da liberdade*” que contaria sobre a história de Dandara dos Palmares. Com isso, a peça tinha como referência o livro *As lendas de Dandara* de Jarid Arraes (2015).

Após o evento é realizado uma roda de conversa, apenas com o ensino médio ao unir as disciplinas de literatura, história, projeto de vida, sociologia, produção textual, uma atividade interdisciplinar para que os alunos pudessem expressar suas experiências acerca do projeto, diversos comentários chamam atenção diante de uma perspectiva de gênero.

⁶Viola Davis é uma atriz e produtora norte-americana, nasceu em 11 de agosto de 1965, vencedora do Oscar, alcançou todos os prêmios da indústria do entretenimento se tornando a décima oitava personalidade do mundo e a terceira mulher negra a conquistar o título EGOT.

A princípio, as alunas amam o filme e muitas relatam que se sentiam representadas pelas guerreiras e, pela visão de muitas meninas, não querer a maternidade para o seu futuro. E ao descobrir que Dandara dos Palmares é uma guerreira, mesmo sendo mulher, proporciona uma visão diferente e eleva a resistência negra marcada em 20 de novembro. Atualmente, tornou-se feriado em todo território brasileiro.

O projeto de formação leitora crítica consiste em despertar o senso crítico do aluno diante do apagamento histórico, que as pessoas afrodescendentes sofreram e sofrem na sociedade. Assim, como promover o reconhecimento diante dos seus traços fenóticos. Portanto, após todo o evento, ele acabou se estendendo para produção textual, onde os alunos necessitam escrever um texto dissertativo-argumentativo que tinha como tema: “*A falta de visibilidade da mulher negra na sociedade brasileira*” e referenciar o filme *A Mulher Rei*.

Sendo assim, consegue-se alcançar o objetivo geral do projeto que é proporcionar uma visão diferente do esperado e o reconhecimento pessoal das meninas negras da instituição ao verem personagens fortes que se parecem com elas. Outro ponto a ser destacado é que a proposta pedagógica teve seus pontos negativos, alguns alunos dormiram durante o filme, ficam no celular, a atividade pedagógica é um desafio que o professor precisa estar pronto para a rejeição pelo alunado.

Após isto, uma folha é passada para que eles possam expressar as suas percepções acerca do filme, foram 69(sessenta e nove) alunos e escolho onze respostas para expor aqui. Vale ressaltar que a obra atinge de forma significativa as mulheres. Ademais, na presente exposição das respostas, chamaremos cada estudante de A1 até o A11 para não expor a identidade do (a) aluno(a).

Tabela II: Respostas positivas dos alunos.

A1	O filme toca em feridas que não conseguimos admitir, fala muito sobre o poder, a força para enfrentar altos e baixos. Principalmente a violência, o poder por privilegiar, a representatividade onde a maioria são afrodescendentes, o filme fala muito sobre a resistência e onde existem mulheres guerreiras em liderança. (...)
A2	O filme aborda muitos assuntos, e eu gostei bastante dos assuntos abordados no filme, fala muito sobre a força da mulher e sobre como nós mulheres podemos ser o que queremos. No filme, as mulheres são guerreiras, elas são a força da aldeia, a aldeia inteira conta com elas, as mulheres podem escolher ser ou não ser guerreiras. É muito importante assistir ao filme por abordar assuntos importantes.
A3	O filme aborda assuntos sobre a força e a resistência da mulher e sobre o seu reconhecimento. Minha opinião sobre o filme é do quão importante é mostrar a força da mulher negra para inspirar outras mulheres.
A4	O filme <i>A mulher Rei</i> mostra a força da mulher em uma sociedade muito diferente da nossa, onde a mulher é quem vai para as guerras no lugar dos homens, as mulheres são o exército e elas são a maior força. O filme muito bom que representa a luta da mulher e dá uma visibilidade para as mulheres negras.
A5	O filme <i>A mulher Rei</i> evidencia a capacidade física e intelectual das mulheres. Com isso, rompendo estigmas machistas que com têm de afirmar e associam mulheres aos trabalhos domésticos e maternos. Além de abordar o poder feminino nas batalhas, a obra também retrata os diversos tipos de violência que podem e são sofridos por mulheres, como estupros e agressões familiares e de seus maridos. No geral, a forma como o filme retrata as personagens, colocando-as em cargos de poder e respeito, fazem o telespectador se comover e repensar os padrões sociais no qual estão inseridos, instigando o pensamento de mudança e igualdade de gênero nos mesmos.

A6	O filme foi bastante tenso, tiveram várias lutas e por sinal tinha um exército de mulheres negras, nunca vi algo assim e elas eram empoderadas tinham seu próprio poder, dentro do filme era um tempo que as mulheres eram inferiores aos homens. Mesmo assim elas não se rebaixaram e lutaram e conseguiram o que queriam.
A7	Eu gostei muito do filme, pois, mostra como muitas mulheres negras lutam diariamente para serem valorizadas e reconhecidas, e não serem tratadas como objetos e é muito importante que outras mulheres assistam para saber que podem lutar pelos seus direitos, sem nenhum medo.
A8	Eu achei que a união que elas têm entre elas é muito parcial, coisa que não temos aqui. Achei bonita a forma que elas lutavam e o jeito que eram empoderadas e não precisavam de homem, pelo contrário lutavam contra eles.
A9	O filme traz à tona a realidade de tudo aquilo que era maquiado e que nos ensinaram um dia. Aprendemos algo durante toda a nossa vida, algo que é incoerente com a nossa realidade.
A10	Eu achei muito interessante, porque as mulheres vão ter mais visibilidade e que elas protegem o rei na guerra, fala sobre a igualdade de gênero e ser livre.
A11	No filme <i>A mulher Rei</i> é retratado de forma clara, a grandeza e a bravura que as mulheres carregam dentro de si, mostrando a coragem de tomar decisões importantes, impactando significativamente o telespectador. A maioria da sociedade tende a ver a mulher em uma perspectiva infantil e misógina, fazendo com que não sejam levadas a sério. A presença da atriz Viola Davis que ao longo da história abordou sobre o empoderamento, principalmente da mulher negra traz um impacto maior para o filme. Uma das partes mais relevantes foi a representação da cultura africana, mostrando seus diferenciais e tradições, o que é de grande importância para conhecermos o quão grande rico é o continente africano.

Fonte: Arquivo pessoal.

As respostas destes adolescentes evidenciam que apesar do filme trazer o protagonismo da mulher negra os alunos/as falam da mulher de forma geral, sem o recorte racial, poucos/as fizeram essa menção. Todavia, algumas respostas foram negativas,

principalmente por parte do sexo masculino que acharam um absurdo como o sexo feminino fora anunciada, outros não quiseram se posicionar. Observem os dados,

Tabela III: Resposta negativa dos alunos.

A12	Não gostei de ver mulheres lutando.
A13	Professora, desculpa eu dormi parte do filme, mas até onde eu sei mulher é o sexo frágil para lutar.
A14	O filme é legal, mas apesar de ser uma história de verdade, mulher não é mais forte que o homem.
A15	Mulher não deveria lutar.
A16	Não gostei do filme, preferia anime ou zumbi
A17	Eu gostei do filme, só achei ruim a parte do momento em que as mulheres têm que lutar contra os homens.

Fonte: Arquivo pessoal.

Sabe-se que o patriarcado é um eixo de violência, apesar do ano ser 2024, os alunos ainda carregam visões estereotipadas sobre os papéis sociais das mulheres na sociedade e muitas vezes essa fala de posse é estimulada pela família. Ainda assim, reconheço que a desconstrução não é um processo rápido. Destaca-se o fato que o filme *A Mulher Rei* é lançado em 2022 um sucesso. Todavia, os alunos não sabiam da existência dele. Diante da escrita das percepções das alunas referente ao filme, consegue-se notar que elas ficaram impactadas ao perceberem uma realidade diferente dos padrões que estão acostumadas a verem nas telas.

Vale ressaltar que cada escola segue um panorama diferente dentro do que a Base Nacional Comum Curricular-BNCC propõe. A questão principal que deve ser discutida é a importância da continuidade de projetos, oficinas e conteúdos antirracistas que sejam frequentes nas instituições públicas, privadas e federais para que o dia da consciência negra não se limite ao 20 de novembro ou datas comemorativas. Mas, um projeto contínuo que faça parte do calendário escolar e esteja nos planejamentos dos professores.

Além disso, muitas atividades são realizadas para o desenvolvimento que visa promover uma educação igualitária. Em uma breve pesquisa no site *Educação e inovação (PORVIR)* encontra-se projetos desenvolvidos no Brasil e nas escolas públicas, com o intuito de viabilizar a educação antirracista e premiar as instituições comprometidas no

desenvolver deste trabalho. O prêmio é chamado de *Educar com equidade racial e de gênero* criado pelo Ceert em 2002 e já se encontra em sua 9ª edição.

Na educação infantil em São Paulo é desenvolvido o projeto *Sortidos-multiplicadores da diversidade*. Na Bahia, especificamente na cidade de Lauro Freitas a prática realizada é *ao som de Larissa Luz o berçário reluz - práticas antirracista para viver desde bebê*. O foco principal é proporcionar uma consciência racial desde os primeiros anos de vida. No fundamental maior em Belo Horizonte tem a prática *Quilombos, patrimônios culturais* com atividades que incluem visitas aos quilombos com a finalidade de mostrar a resistência das pessoas negras.

No estado de Sergipe, de onde a autora desta dissertação escreve, disponho do projeto realizado pela Universidade Federal de Sergipe nas escolas públicas, intitulado *Afrooriteca e cineclube Ubuntu- práticas antirracistas na educação básica*, tendo a Profa.Dra. Alessandra Corrêa de Souza como coordenadora, no qual fiz parte como colaboradora juntamente com os meus colegas. O Afrooriteca é uma plataforma digital disponível: <https://sites.google.com/view/afrooritecaufs/p%C3%A1gina-inicial> e possui um acervo cinematográfico gratuito para educadores e outras pessoas que visam apresentar um conteúdo antirracista. O projeto apresenta obras, sinopses de filmes, músicas, pequenas biografias, entrevistas, materiais didáticos que dialogam com a literatura negra.

O ensino superior o acesso ao projeto de extensão *Escrevivências de Mulheres Negras em diáspora* no meio acadêmico. Este projeto da Universidade Federal de Sergipe realiza reuniões de leituras e debates de escritores negros, realiza um evento anual que acontece no mês de julho próximo a comemoração da resistência do dia das mulheres negras afro-latino-americanas. O evento já está na sua terceira edição, tem duração de dois dias e ocorre no noturno, sendo intitulado: *O que conhecemos das literaturas afro-diaspóricas?*

No ano de 2024, a edição apresenta as pesquisas científicas que estão sendo desenvolvidas pelo grupo, na edição 2025 trouxe ao público escritores literários e teóricos negros, a compreensão das leis que afetam o acesso à educação dos afrodescendentes e as alterações da lei que remete ao ensino da história e cultura africana e indígena nas escolas. Ao final de cada dia na edição de 2025 finaliza com uma oficina. O primeiro dia, uma oficina de memórias, após a reflexão da poesia é criado o quadro de memórias, logo

após, cada um faz a representação em desenho ou escrita. No segundo dia, a oficina era para ser pensada em uma atividade pedagógica antirracista e cada um compartilha sua ideia de forma respeitosa.

Outro ponto a ser destacado é a ausência de bibliotecas de qualidade e com equidade nas escolas para que os alunos possam ter acesso aos livros literários. Certamente, tal absenteísmo oportuniza o desinteresse dos alunos em relação à prática da leitura. Frente a isso, pesquisas demonstram que existe um déficit entre jovens leitores e não leitores de livros literários e teóricos, os números maiores de não leitores afetam a juventude. Observem a 6ª Edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil* disponível no site do Senado Federal:

Tabela IV: Retrato de leitores no Brasil

Leitores	47%
Não leitores	53%
Perda de leitores nos últimos 4 anos	7 milhões
Leitores que começam os livros e não terminam	78% dos brasileiros que equivalem a 148 milhões de brasileiros
Estados com maior índice de leitura	Santa Catarina com 64%, Paraná e Ceará, ambos com 54%. A Região Sul é a única onde a maioria da população ainda mantém o hábito da leitura.
Locais preferidos para leitura	85% preferem ler em casa.

Fonte: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/11/29/pesquisa-aponta-que-mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-le-livros>. Acesso: 15/06/2025.

Os dados apresentados revelam a ausência da leitura na vida dos cidadãos, pois as escolas deixam de ser um ambiente que incentiva a leitura. Logo, a ausência de leitores afeta de forma significativa a literatura. Visto que os livros literários fazem parte da disciplina. Ademais, a perda de leitores implica na sociedade de forma impactante tornando-se uma problemática. Sendo assim, é necessário repensar a importância da leitura e o seu incentivo nas instituições de ensino.

Na regência no ano de 2024 é construído um clube de leituras intitulado Antonieta de Barros. O qual, as leituras eram realizadas em um horário da disciplina de português e na outra aula eram destinados 15 minutos para cada um apresentar o livro lido. Infelizmente, a escola não tinha biblioteca e os livros eram levados pela docente regente da turma, sendo eles: Lugar de fala – Djamilia Ribeiro; O pequeno manual antirracista –

Djamila Ribeiro; O perigo de uma história única – Chimamanda Adiche; Mulherismo Africano – Nah Dove; Dom Casmurro; Tudo nela é de se amar – Luciene Nascimento; Poesia de Rua; As lendas de Dandara de Jarid Arraes; Rich e Mad; A princesa salva a si mesmo; A bruxa não vai para fogueira; Capitães de Areia. Entre outros.

Os alunos também eram livres para levar um livro da escolha deles. Ao passar dos meses é feito um círculo para analisar diante das indagações: O que mudou minha vida após a criação do clube de leituras Antonieta de Barros? O que é a leitura para você? Explique o porquê a leitura é importante na vida do ser humano? Os alunos estavam livres para responder às três perguntas ou uma das três. Podem expressar seus sentimentos referente a leitura sem identificar o seu nome. Vale salientar que obtive a recusa de alguns alunos da turma que não quis escrever sobre a experiência com a leitura. Abaixo, segue as respostas⁷ dos alunos.

Tabela V: Resposta dos alunos sobre o clube de leitura.

⁷Algumas respostas foram alteradas ortograficamente para melhor compreensão dos leitores.

Meu interesse aumentou imensamente. Eu tinha o costume de parar de ler por um tempo e depois voltava a ler de novo. Agora quero ler um atrás do outro intensidade.
Ajudou bastante, principalmente no meu intelectual melhorou a minha vida de forma positiva.
Hoje eu tenho uma rotina ativa de leituras, a leitura melhorou a minha linguagem e a forma de ver o mundo e tem agregado bastante.
Comecei a encontrar palavras novas para colocar na redação do Enem e tirar um tempinho longe das redes sociais.
Eu já tinha participado de um clube de leitura, mas foi por um curto período e através do clube agora estou mais motivada ainda e através da leitura posso utilizar em áreas de conhecimento.
Eu não tinha o hábito de ler, mas o incentivo da professora, comecei a ler e a criar esse hábito e com isso também melhorei os meus textos e redações.
A leitura é uma das grandes lápides do conhecimento onde tal conhecimento impacta na construção da mente do indivíduo. Na juventude onde a fase o ser humano está em seu desenvolvimento é construída sua vontade, onde a vontade seria uma percepção do seio errado e sua criação de valores morais, culturais, políticos, econômicos e sociais. De uma forma direta a importância da leitura seria a propagação do conhecimento para que houvesse a criação e desenvolvimento do ser humano onde um homem é um animal racional para que não sejamos corpos vazios.
A leitura para mim é uma forma de gerar o cílio financeiro e obter conhecimento político, social, estudo, sobre história e etc. Até pessoas que não estudaram e hoje em dia a leitura é o único meio de educação.
A leitura pode mudar o meu futuro e gerar emprego bom e conquistar coisas pessoais minhas através do estudo principalmente a leitura onde vou conseguir prosperar e almejar o que eu quero na minha vida.

Ler é tipo uma janela para vários mundos diferentes sem nem sair do lugar. A juventude hoje vive conectada, mas às vezes falta conexão com que realmente importa. A leitura ajuda nisso porque faz a gente pensar em imaginar, entender melhor as pessoas e o mundo. Ela desenvolve nosso vocabulário, escrita e até nosso jeito de conversar. Quem ler mais, se expressa melhor, argumenta melhor, isso conta na vida. Também é uma forma de se distrair, sem precisar de telas o tempo todo. E o melhor: tem livro para todo gosto. A leitura pode ser um refúgio, uma inspiração ou até uma força para seguir em frente. Jovem que lê tem mais chance de construir um futuro massa. É como plantar agora para colher depois.

Leitura pra mim um tipo de conversar com alguém inteligente e sem nem estar na mesma sala.

A leitura pode abrir a mente, melhorar a escrita, ajuda no vocabulário e faz a gente pensar diferente. Além disso, o leitor tem liberdade para imaginar o que quiser.

A leitura muda nossa vida desde o instante em que aprendemos a ler, quando vemos uma palavra e no mesmo instante sabemos o que está ali, dar um alívio, quando não sabemos ler praticamente não sabemos de nada.

Fonte: Arquivo pessoal.

É notório, que o hábito da leitura é importante na vida dos jovens, no entanto, nem todos os alunos acham interessante dedicar um tempo da sua vida à leitura, principalmente com tantas tecnologias presentes em seu cotidiano que ofertam coisas imediatas. Consoante, Bárbara Carine juntamente com Maria Clara Passos (2021) discutem sobre a presença de discentes e docentes negras e negros que tenham ocupado os espaços acadêmicos e buscam uma reparação histórica e reconhecimento através de pesquisas ao ocasionar a pluralização e a partilha de saberes. Tal presença, afirma que o movimento negro no Brasil é responsável por inserir a discussão racial a partir de leituras do ensino superior e na educação básica.

SEÇÃO II

AS INTERSECÇÕES DE RAÇA, GÊNERO E CLASSE QUE ATRAVESSAM MULHERES NEGRAS

Inicialmente, a escolha do gênero literário cordel parte da premissa de que a visão estereotipada sobre a escrita feminina negra se relaciona com a interseccionalidade de gênero que aponta a violência que perpassa a vida da mulher negra escritora. Nesse sentido, a análise comparativa realizada neste texto permite ver o mundo pela ótica feminina negra, o contato com os cordéis de Jarid Arraes (2020) revela os inúmeros nomes de mulheres negras que foram silenciados e apagados da história, sendo elas: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria Bonsucesso, Laudelina de Campos Melo, Luísa Mahin, Maria Felipa, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zacimba Gaba.

Essas mulheres carregam histórias de resistência, tal perspectiva remete ao dispositivo analítico de interseccionalidade que sustenta a teoria desta pesquisa. Segundo Patrícia Collins (2022) a interseccionalidade surge para unificar as problemáticas sociais com o objetivo de fortalecer a luta antirracista. Nas palavras da intelectual “Raça” significa pessoas negras, “gênero” significa mulheres e “classe” significa pessoas empobrecidas.” (Collins, 2022, p. 63) A discussão nos permite notar a conexão entre as violências e as semelhanças entre as histórias das heroínas. Esse apontamento contribui com a desmistificação de conceitos racistas, bem como falácias que normalizam comentários estereotipados que sustentam as opressões reproduzidas contra a população negra.

As personagens Antonieta de Barros e Maria Firmina dos Reis que compõem a presente seção não apenas integram a historiografia literária, como também contribuem na construção do acervo literário, ajudam a repensar a educação brasileira e criam escolas para que o acesso à educação chegasse a todos. No Brasil, historicamente, percebe-se que as afrodescendentes possuem acesso limitado em diversos espaços sociais, sendo eles: telenovelas, cargos de destaque, universidades, mercado de trabalho, acesso à educação básica, entre outros.

Ao refletir sobre os papéis ocupados nestes lugares é necessário ter um olhar crítico. Por exemplo: ao ver a diversidade como marketing em um post onde apresenta a equidade racial é questionável se são apenas imagens para dizer que a empresa preza pela igualdade ou se na mesa de decisões, os autores que escrevem os roteiros também são negros.

Observa-se a novela *Vale tudo* (2025), transmitida na Rede Globo, na qual Taís Araújo interpretou a personagem Raquel, que confronta Odette, mulher branca que, ao longo do enredo, torna-se dona da empresa construída por Raquel. Odette, a personagem branca, possui o poder e se comporta como deseja: humilha as pessoas, é a dona do dinheiro e em alguns momentos é aplaudida pelo público.

O que se pretende destacar nesta trama é o discurso vazio do protagonismo da mulher negra, que em seu papel reforça o estereótipo da pobreza e da necessidade de ser forte a todo instante. Em vista disso, ressalta-se que essas narrativas nos revelam que a desigualdade racial na sociedade brasileira é camuflada por cenas como essa telenovela aponta, por isso, ter atores negros, enquanto os papéis de destaque e os roteiristas continuam brancos não é o suficiente para a equidade que se busca com a luta antirracista.

Uma pesquisa realizada pelo Senado entre 2023 e 2024 busca demonstrar a vulnerabilidade de mulheres negras no Brasil, segundo os dados:

O processo de amostragem do Data Senado é totalmente probabilístico. Nas entrevistas são feitas perguntas que permitem estimar a margem de erro para cada um dos resultados aqui divulgados, calculados com nível de confiança de 95%. Dessa forma, não existe uma única margem de erro para toda a pesquisa. Não obstante, considerando todas as estimativas para tabelas simples, sem cruzamentos, tem-se que, em média, a margem de erro observada nas estimativas foi de 1,44%, com desvio padrão de 1,33%. As entrevistas foram distribuídas por todas as unidades da Federação, por meio de ligações para telefones fixos e móveis, com alocação uniforme por estados e Distrito Federal. (Brasil, 2023,2024)

Ademais, a pesquisa apresenta as violências sofridas pelo sexo feminino. Para a compreensão da intersecção entre raça e gênero, observem os dados extraídos do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) – base alimentada por registros de doenças de notificação compulsória ao Sistema Único de Saúde (SUS): “Em 2022, 202.608 brasileiras sofreram algum tipo de violência, sendo que a maioria (55%) eram mulheres negras (112.162 brasileiras pretas e pardas).

Note, que os dados apresentam as violências doméstica, sexual, misoginia e vulnerabilidade socioeconômica. As informações apresentadas comprovam as intersecções presentes nesta seção. Essas agressões são construídas e reforçadas quando o negro é representado no lugar de subalternidade nas telenovelas.

Além disso, informações do Sistema Nacional de Segurança Pública (Sinesp) indicam que, entre as mulheres vítimas de violência sexual cujas ocorrências policiais incluíam o registro de cor/raça (8.062), 62% (5.024) eram pretas ou pardas. Dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM) evidenciam outro dado alarmante: entre as 3.373 mulheres assassinadas em 2022, cujas informações de raça e cor foram registradas, 67% eram negras (2.276).”

Ou seja, os dados estatísticos apontam como as mulheres negras, na atualidade, ainda sofrem violências pela sua cor e gênero. Dito isso, o apagamento literário e as intersecções contribuem para o crescimento elevado que reitera esses indivíduos em vulnerabilidade. Aliás, é importante mencionar que a sociedade brasileira é composta por 45.689.075 de mulheres negras, uma quantidade significativa, sendo concentrada, nas regiões Nordeste (36%) e Sudeste (38%) do país, segundo o SINESP.

Nos Estados onde as heroínas negras estão presentes nesta dissertação, temos uma ocupação relevante: Alagoas – Dandara dos Palmares – 70% de mulheres negras e pardas. Bahia – Maria Felipa – 80% de mulheres negras e pardas. Maranhão – Maria Firmina dos Reis – 79% de mulheres negras e pardas. Santa Catarina – Antonieta de Barros- 21% de mulheres negras e pardas.

Vale ressaltar que Santa Catarina possui um menor quantitativo devido a colonização do Estado. Ao ver as porcentagens do quantitativo de mulheres negras, reforço a importância da problemática desta dissertação, visto que, à predominância de mulheres negras na sociedade brasileira são nos quatro estados que cada heroína deixa um legado significativo. Tal fragmento comprova que a raça é o elemento principal na discussão interseccional. A escolha de apresentar apenas os quatros estados citados é justificada por dialogar com o lugar que cada heroína residiu.

2.1 O silenciamento da primeira romancista brasileira Maria Firmina dos Reis

A priori, cumpre notar que a protagonista deste tópico não possui registros iconográficos, dada a ausência de retratos de sua imagem. Maria Firmina dos Reis nasce

no Maranhão, em 11 de março de 1822, e foi registrada como filha bastarda de João Pedro Esteves, um homem negro, e Leonor Felipa dos Reis.

Maria Firmina, juntamente com sua mãe e irmã, passa a residir em Guimarães, na casa de uma tia que possuía melhores condições financeiras. Apesar da mudança, as memórias que a autora carrega remetiam à residência onde vivia de forma isolada com sua irmã e prima. Nesse período, dedicou-se ao magistério, consolidando-se como a primeira romancista negra da literatura brasileira e uma das primeiras professoras de Letras na cidade em que residiu entre os anos de 1847 e 1881. Em 1859, publicou sua obra primordial, o romance *Úrsula*.

Ademais, publica, em 1861, o romance indianista *Gupeva* e, em 1887, a obra *A escrava*; além disso, diversos de seus poemas são vinculados aos jornais do Maranhão. A autora participa da antologia poética *Parnaso Maranhense* no ano de 1861 e, dez anos depois, registra sua produção lírica em *Cantos à beira-mar*. Infelizmente, Maria Firmina dos Reis faleceu aos 95 anos, cega e em situação de pobreza. Certamente, por ser uma mulher negra, não obteve em vida o destaque que merecia. Atualmente, a escritora é homenageada com uma estátua na Praça do Pantheon, em São Luís, como reconhecimento por sua relevante contribuição literária.

O reconhecimento da identidade racial.

O eu-lírico condena o adjetivo “mulata”, o qual é explicitamente rejeitado por sua carga pejorativa e hipersexualizada, enquanto negra é afirmado como categoria política e identidade legítima.

Maria Firmina dos Reis
De mulata foi chamada
Mas renego esse termo
Para gente miscigenada
Reconheço-a como negra
Sendo assim bem nomeada.

Foi nascida em São Luís
no estado do Maranhão
dia onze de março
no país, a escravidão
mil oitocentos e vinte e dois
No nordeste da nação.
(Arraes, 2020, p. 107)

Nos versos, foi nascida em São Luís/ no estado do Maranhão /dia onze de março, segundo Algemira de Macêdo (2022) Maria Firmina dos Reis solicita à Câmara que sua data seja alterada para o dia 11 de março de 1822. Porque em seu registro estava marcado de forma equivocada. O cordel descreve Maria Firmina dos Reis na história contrastando com o silenciamento que a autora sofreu na literatura.

No fragmento analisado, a autora mobiliza o termo bastarda para elucidar as raízes do preconceito racial que a persegue. É de relevância ressaltar que, no contexto em que a protagonista está inserida, opera-se uma lógica de objetificação e hipersexualização da mulher negra.

Apesar do seu registro
de bastarda carimbada
sofreu muito preconceito
por não ser endinheirada
e foi na dificuldade
que se fez ilumina.
(Arraes, 2020, p. 107)

Para ter vida melhor
com a tia foi morar
sempre muito esforçada
conseguiu se educar
pois sabia da importância
que existem em estudar.

A estrofe acima, sempre muito esforçada /conseguiu se educar /pois sabia da importância /que existem em estudar, em 1822, a educação era privilégio para os brancos, Maria Firmina consegue rasurar essa regalia e se inserir na educação. A segunda estrofe aprofunda a dimensão social e formadora da trajetória da heroína. Este segmento do cordel aponta para construção identitária. Ao mencionar temas: raça, gênero e a resistência. Outra característica mencionada por Algemira Macêdo (2022) é que Firmina era fluente em francês por ler e escrever. Sendo aprovada em primeiro lugar no concurso de magistério no Maranhão.

Livia Vaz (2023) propõe reflexões sobre a democratização do acesso à educação, principalmente com ênfase no impacto das cotas raciais, as quais evidenciam o aumento do ingresso de indivíduos negros nas universidades. Conforme a autora, entre 2004 e 2014, o percentual de pretos e pardos no ensino superior saltou de 16,7% para 47,2%, atingindo 55,6% em 2018, em contraste com os 78,8% da população branca (Vaz, 2023,

p. 112). Embora o avanço seja significativo, os índices de representatividade demográfica da população negra no Brasil, não é suficiente.

O comparativo entre as histórias de Maria Firmina dos Reis e Antonieta de Barros é que ambas foram criadas por famílias adotivas, ambas são professoras e se dedicam a contribuir com a educação brasileira. Perceba o esforço da heroína em prol dos estudos na sextilha, quando foi ela aprovada/ para vaga numa escola /onde muito dedicava /excelente professora, a rima nos versos lidos encontra-se nas terminações e a presença da vogal “a” no final de cada palavra.

Os substantivos coração, escravidão e abolição marcam a redondilha maior com a mesma terminação, sendo marcada pelo ão. Assim como os verbos exercer, escrever e ler. Na quarta sextilha o verbo conjugado no pretérito imperfeito em primeira pessoa marca a rima do cordel.

Tinha assim 25 anos
quando foi ela aprovada
para vaga numa escola
onde muito dedicava
excelente professora
foi por todos registrada.
(Arraes, 2020, p. 108)

Só que Maria Firmina
tinha livre o coração
defendendo com clareza
que acabasse a escravidão
para ela o ideal
era a certa abolição.

O processo histórico da abolição que Firmina está inserida reflete o contexto do século XIX que marca o período da nacionalidade brasileira, aqueles que possuíam o controle das decisões se concentram em indivíduos que tem poder aquisitivo, a branquitude⁸ institucionalizada.

Consoante Angela Alonso (2015), em 1868, o movimento abolicionista já estava presente nas discussões políticas. Com isso, o tráfico negreiro já não era interessante para

⁸ (...) Esse fenômeno tem um nome: branquitude, enquanto sua perpetuação no tempo se deve a um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios. É claro que elas competem entre si, mas é uma competição entre segmentos que se consideram “iguais”. (Bento, 2022, p.18)

o capitalismo. Ademais, os negros criam diversas revoltas⁹ para conseguir a liberdade. Sendo assim, Argentina, Peru, Colômbia, Inglaterra, Índia, Rússia, entre outros países, começaram a perceber que o regime escravocrata não iria resistir às pressões do movimento abolicionista. No século XIX, os países: Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria, Suécia e Portugal iniciam o fim do tráfico negreiro em seus domínios.

No entanto, o Brasil¹⁰ ainda recebia escravizados. No período de 1835 até 1850 cerca de 600 mil sujeitos escravizados foram apreendidos na costa brasileira. Logo mais, um projeto político é lançado para o fim da escravidão no dia 08 de maio de 1888 anunciado pelo ministro da agricultura conselheiro Rodrigo Augusto da Silva. Dessa maneira, ocorreu uma votação na qual 83 deputados votaram favorável e 9 foram contrários.

Após o projeto ter sido aprovado na Câmara segue para o Senado e no dia 13 de maio é assinado pela Princesa Isabel. Tal assinatura exhibe o teatro político que aborda a luta abolicionista de todos. Consequentemente, o acontecimento mencionado outrora, resulta em 700 mil escravizados libertos, sem trabalho e moradia. A maioria localizada em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nessa época (século XVII) os países que utilizavam o regime escravocrata eram condenados pelo discurso à moral e à religião.

Na época da independência, os escravos viram suas aspirações à liberdade frustrada. Se bem que a carta constitucional de 1824 inclui-se um artigo transcrevendo a Declaração dos Direitos do Homem do Cidadão (cópia quase idêntica original francesa de 1789), na qual se afirmava que a liberdade era um direito inalienável do homem, manteve-se escravizada quase a metade da população brasileira. A constituição ignorou os escravos. Sequer reconheceria sua existência. A eles não se aplicavam às garantias constitucionais. (Viotti, 2008, p. 16)

Ao observar a exclusão dos direitos dos negros na constituição, nota-se a estratégia política para controlar as revoltas existentes e revelam os descontentamentos da elite branca referente a abolição. A liberdade era um direito de todos, aos negros na perspectiva colonizadora não. Para eles, [...] A escravidão era benéfica para o negro, pois o retirava da barbárie em que vivia para introduzi-lo no mundo cristão civilizado. [...]

⁹[...] Um grande ciclo de abolições começou por São Domingos (Haiti), onde a revolução liderada pelo negro Toussaint-Louverture, em 1791, aboliu a escravidão dos negros, depois de cortar cabeças de brancos de três exércitos imperiais. [...] (Alonso, 2015, p. 27)

¹⁰ [...] Ao longo de cerca de três séculos, o Brasil foi o país que mais importou africanos: 5 848 265, cerca de 500 mil novecentos Segundo Reinado. [...] (Alonso, 2015, p. 28)

(Viotti, 2008, p. 19). O pensamento reitera às falácias do período colonial presente na sociedade brasileira.

Uma forma que encontrou
para a política exercer
foi na arte literária
que ela veio a escrever
contos, livro e poesia
tudo pronto para se ler.
(Arraes, 2020, p. 108)

Com jornais de sua época
ela assim colaborava
Enviava poesia
mas também se dedicava
ao escrito do seu livro
que orgulhosa rascunhava.
(Arraes, 2020, p. 108)

Nos versos, uma forma que encontrou/ para a política exercer/ foi na arte literária/ que ela veio a escrever, aponta que através da escrita, encontra resistência. A escrita é a forma de resistência da população negra. Através dela, existe a busca em denunciar as situações de racismo e oportunizar vozes de intelectuais que são ativistas na luta contra a desigualdade racial. Consoante Grada Kilomba (2019, p. 28) escrever é um ato de descolonização, esse momento propõe novos caminhos para construção da identidade negra. "Escrever, portanto, emerge como um ato político." Logo, produzir textos literários ou teoria significa romper com o silêncio e se opor ao racismo.

Maria Firmina dos Reis pioneira na escrita romancista brasileira teve seu legado silenciado e sofre com a interseccionalidade de raça, gênero e classe por muitos anos não ter sido considerada uma escritora da época. Historicamente, no ensino básico e superior, encontram-se currículos que visam obras literárias de autores brancos.

Seu apagamento histórico, ao abordar a realidade brasileira sob perspectivas negligenciadas pela literatura, sua produção assume um caráter abolicionista, distinguindo-se ao conferir subjetividade ao indivíduo escravizado e ao problematizar as vivências e os sentimentos da população negra diante do sistema escravocrata.

A métrica da rima nas sextilhas abaixo, encontra-se na terminação do de cada palavra. Nota-se, nas palavras amor e talento que o eu lírico faz referência a época que a heroína está inserida com espaços limitados, a escrita se torna o seu aconchego.

Teve uma coletânea

De poemas inspirados
 Nos seus versos de amor
 com afincos lapidados
 Ela mostra seu talento
 de beleza derivado.

De Úrsula chamou
 seu romance publicado
 e na história brasileira
 o seu nome está gravado
 como sendo a pioneira
 desse gênero citado.

A primeira romancista
 que foi negra e nordestina
 soube usar com esperteza
 o fulgor da sua sina
 trabalhou suas palavras
 mesmo sendo clandestina.
 (Arraes, 2020, p. 109)

Os versos, “De *Úrsula* chamaram seu romance publicado / e na história brasileira / o seu nome está gravado”, reiteram que a primeira obra romancista registrada no país é *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis. No entanto, ao realizar uma busca pela internet, observa-se que a historiografia tradicional frequentemente aponta *A Moreninha* (1844), de Joaquim Manuel de Macedo, como o marco inicial. Ao evidenciar tal informação, e em concordância com a teórica Patrícia Collins (2022), percebe-se uma manifestação da violência de raça e gênero: por ser uma mulher negra, Firmina foi sistematicamente excluída do cânone, enquanto a historiografia privilegia um homem branco como o primeiro romance nacional.

A estrutura do cordel, por sua vez, é marcada pela sextilha, na qual o primeiro, o terceiro e o quinto versos são livres, porque de dificuldades, até mesmo o pseudônimo, como “uma maranhense”, enquanto o segundo, o quarto e o sexto rimam entre si, sua vida foi inteira, foi sua opção primeira, assinou sua trincheira. Essa forma literária não apenas preserva a tradição popular, mas também serve de veículo para denunciar a interseccionalidade de raça, gênero e classe que a autora maranhense enfrenta.

Porque de dificuldades
 sua vida foi inteira
 até mesmo o pseudônimo
 foi sua opção primeira
 como “uma maranhense”
 assinou sua trincheira.

Em suas obras literárias
 ela sempre demonstrou
 o seu abolicionismo
 que na escrita assinalou
 e a sua origem negra
 com certeza que honrou.
 (Arraes, 2020, p. 109)

Quando publicou seu livro
 chegou mesmo a falar
 que não tinha educação
 e o prestígio elementar
 de quem era branco e rico
 podendo a tudo comprar

disse que era mulher
 e não foi pro exterior
 mas assim ela escrevia
 e sabia o seu valor
 dava à luz esse livro
 com seu peito em ardor.
 (Arraes, 2020, p. 110)

Vale ressaltar o ideal de liberdade entre as quatro heroínas, apesar de atuar em tempos e estados distintos. Segundo Jarid Arraes (2020), Maria Firmina dos Reis busca construir sua trajetória e identidade por meio da escrita. Nos versos "A paixão pela educação / e a fundação de uma instituição / aos cinquenta e oito anos" marca seu compromisso com o magistério. De acordo com Algemira Macêdo (2022), a escola é fundada em 1880, em um período anterior à abolição, com o propósito de atender ambos os sexos. Contudo, os versos subsequentes "A polêmica foi tanta / no pequeno povoado / que era em Maçarico / Guimarães regionado / durou menos de três anos / e o portão já foi fechado", atestam a efemeridade do projeto. A curta duração da instituição deve-se, em grande medida, às barreiras sociais e raciais impostas a uma mulher negra à frente de um empreendimento educacional. Nesse sentido, comentários depreciativos acerca da qualidade do ensino, funciona como um desincentivo para que as famílias locais matriculassem seus filhos.

Em diálogo com Sueli Carneiro (2011) as palavras machista, ativista e racista marcam nos versos as interseccionalidades que perpassa a vida de Maria Firmina dos Reis que não desistiu diante das dificuldades para defender sua luta antirracista com o objetivo para que todos os negros pudessem viver com equidade e humanidade no Brasil.

A paixão pela educação e a

fundação de uma instituição.
 Aos cinquenta e oito anos
 Uma escola ela fundou
 pra meninas e meninos
 sendo mista começou
 como escola gratuita
 que pouquíssimo durou

A polêmica foi tanta
 no pequeno povoado
 que era em Maçarico
 Guimarães regionado
 durou menos de três anos
 e o portão já foi fechado.

Que tristeza saber disso
 era um tempo tão machista
 mas a nobre professora
 sempre forte e ativista
 assumia toda a luta
 sem Temer nenhum racista.
 (Arraes, 2020, p. 110)

Em mil novecentos e dezessete
 A Firmina faleceu
 mas deixou para a memória
 a herança que escreveu
 e que sempre a duras penas
 para o mundo ofereceu.

Ela Foi tão importante
 para outras instigar
 e a mim muito emociona
 quase ao ponto de chorar
 quando penso em sua vida
 quero assim compartilhar.
 (Arraes, 2020, p. 111)

As estrofes, “Em mil novecentos e dezessete / a Firmina faleceu / mas deixou para a memória / a herança que escreveu / e que sempre a duras penas / para o mundo ofereceu”, enfatizam o falecimento de uma intelectual negra cujo reconhecimento lhe foi negado em vida. Apesar das adversidades, a autora empenhou-se em oferecer uma educação de qualidade e em democratizar seus conhecimentos, visando transformar a realidade de seus semelhantes. As palavras: revolta, esquecimento e reconhecimento — marca o posicionamento crítico do eu-lírico, que expressa tristeza diante do fato de uma literata ter partido sem reconhecimento e a visibilidade merecida.

Porque graças a Firmina
 hoje temos esse espelho

da mulher negra escritora
e que primeiro publicou
um livro abolicionista
como mais belo centelho.

No entanto, me revolta
o nojento esquecimento
pois nem mesmo na escola
nem sequer por um momento
eu ouvi falar seu nome
para o reconhecimento.

Como pode algo assim?
Se a história ela marcou
Por que não falamos dela
nem do que ela conquistou?
É terrível a injustiça
que a escola maculou.
(Arraes, 2020, p. 111)

Nos versos, Arraes (2020) realiza várias indagações referente ao silenciamento de Maria Firmina dos Reis *Como pode algo assim? / Se a história ela marcou/ Por que não falamos dela /nem do que ela conquistou? / É terrível a injustiça/ que a escola maculou.* Patrícia Collins (2022) ao unir as violências que atravessam as mulheres negras dentro da interseccionalidade nos permite pensar sobre a posição, ausência, visibilidade e reconhecimento das afrodescendentes na sociedade brasileira. Esse fato, evidencia o sentimento de não pertencimento na literatura e reforça estereótipos de papéis secundários.

é por isso que eu faço
no cordel a correção
que conheça a Firmina
um orgulho pra nação
Que espalhem sua obra
que desperta o coração.

Sendo Úrsula seu livro
“A escrava” foi um conto
Mais “Cantos à beira-mar”
Que aqui aumenta um ponto
obras de profundidade
e também de contraponto.

Com humilde gratidão
quero aqui enaltecer
a Firmina escritora
em quem eu consigo ver
uma negra corajosa
para me fortalecer.

(Arraes, 2020, p. 112)

Sobre esta perspectiva, o apagamento de Maria Firmina dos Reis revela-se como um projeto político que historicamente a silencia da formação discente em diversos níveis de ensino na sociedade brasileira. Efetivamente, almejar um futuro no qual todas as vozes possam ecoar significa ratificar a crítica de intelectuais negras que protagonizam e consolidam a história literária nacional. Dando continuidade à busca pela visibilidade de trajetórias de mulheres negras, Antonieta de Barros destaca-se por ter deixado um legado imprescindível na construção política e educacional de Santa Catarina. A trajetória dessa heroína será apresentada no tópico subsequente.

2.2. Antonieta de Barros

Conforme o *site* Cátedra Antonieta de Barros (2026), a escritora nasce em Florianópolis em 11 de junho de 1901, pouco após a morte do pai. Filha de pessoas escravizadas, Antonieta cresce vendo a mãe, Catarina Waltrick, trabalhar como lavadeira; foi nesse contexto, especialmente no convívio da casa do político Vidal Ramos, que surge seu interesse pelo ensino. Alfabetizada em 1906, Antonieta concretiza o sonho de ser educadora aos 17 anos, ao fundar seu próprio curso de alfabetização.

Imagem II – Antonieta de Barros



Fonte: Aya Laboratório (2023)

Antonieta de Barros manteve um compromisso inabalável com a educação e com o sonho de ascensão social por meio do conhecimento. Foi por sua iniciativa que o projeto de lei nº 145, de 12 de outubro de 1948, oficializa o 15 de outubro como o Dia do Professor e feriado escolar em Santa Catarina. A data, que faz referência à primeira lei

educacional do Brasil (1827), acaba se tornando um marco nacional. Trata-se de uma homenagem a uma profissão essencial para a construção de uma sociedade mais crítica, consciente e humana.

A trajetória de Antonieta de Barros, conforme narrada no cordel, é caracterizada por adjetivos como inspiradora, forte, batalhadora e inteligente, que também estruturam as rimas da estrofe. Na sextilha, as palavras que ganham relevo na voz do eu lírico, pobre, dificuldade e luta, remetem diretamente à desigualdade racial no Brasil. Sob a ótica de Patrícia Hill Collins (2022), a interseccionalidade rejeita a normalização da desigualdade. É preciso compreender o Brasil a partir de hierarquias de privilégio, nas quais população branca detém acessos negados à população negra. A esse sistema por iniciativa de Maria Firmina dos Reis ao criar uma escola mista para garantir o direito à educação.

Além disso, o eu lírico revela que ela ainda era criança/ Quando órfã se tornou /O seu pai que faleceu percebe-se que a narrativa do início da sua vida possui perdas significativas que a obrigam a se reinventar mesmo tão pequena.

Conto aqui neste cordel
Uma história inspiradora
De uma preta muito forte
Que foi tão batalhadora
E com sua inteligência
Se mostraram norteados.

Era uma catarinense
De Antonieta nomeada
Sendo de origem pobre
Teve a vida permeada
Por muita dificuldade
E por luta semeada.

Ela ainda era criança
Quando órfã se tornou
O seu pai que faleceu
E a vida lhe deixou
Com a mãe que a criava
E que muito lhe inspirou.
(Arraes, 2020, p.17)

Segundo Paula (2024), Santa Catarina apresenta um índice de 65% de analfabetismo entre seus moradores. Esse dado confronta o estereótipo de uma sociedade erudita e à ideia de que o homem branco seria o único detentor do saber. No entanto, os números revelam que a realidade do estado divergia desse senso comum.

Tinha dezessete anos¹¹
 Quando conseguiu entrar
 Na escola normalista
 Para mais se dedicar
 Aos estudos que gostava
 Querendo aperfeiçoar.

No entanto, é preciso
 Uma coisa mencionar
 Inda era os anos vinte
 Quando ela foi estudar
 Veja só que grande feito
 Ela estava a desbravar!

Pois, não era só mulher
 O que já era difícil
 Era negra num passado
 De racismo, de suplício
 Bem pior que atualmente
 E sem sucesso propício.
 (Arraes, 2020, p.18)

É fundamental destacar o compromisso de Antonieta de Barros com o saber, como ilustram os versos: “Quando conseguiu entrar na escola normalista / Para mais se dedicar / Aos estudos que gostava / Querendo aperfeiçoar”. Antonieta desempenha um papel crucial ao democratizar o ensino, partindo do princípio de que a educação deve ser universal. O trecho, “inda era os anos vinte / Quando ela foi estudar”, evidencia as barreiras enfrentadas pela população negra naquela década, cujo acesso às instituições de ensino era dificultado por fatores socioeconômicos. Apesar da previsão constitucional de igualdade, a prática excluía os negros do sistema educacional, um abismo que ecoa na atualidade. Segundo Sueli Carneiro (2011, p. 113), a média de escolaridade entre brancos é de 6,6 anos, enquanto para negros é de apenas 4,4 anos.

Atualmente, os dados de analfabetismo ainda atingem o grupo étnico-racial, principalmente na região norte e nordeste onde a predominância de negros e pardos é significativa, isso revela que eles são os grupos mais afetados. Por exemplo, no Nordeste, onde aproximadamente 69,2% da população é preta e parda, a taxa de analfabetismo é especialmente alta. (Paula, 2024, p. 13) Os dados citados apontam a negligência do Estado referente a educação de qualidade para cada indivíduo brasileiro, onde os brancos se destacam no acesso educacional.

¹¹ A formatação da citação encontra-se centralizada para manter a estrutura original do cordel.

A sextilha abaixo conta sobre sua conquista na área educacional e essa afirmação está presente nos verbos na terceira pessoa do pretérito perfeito do indicativo: fundou, ensinou e acreditou. O eu lírico apresenta sua fé na educação com os verbos no particípio na terminação ar: alfabetizar, prosperar e lecionar.

No ano de vinte e dois
 Antonieta então fundou
 Um curso particular
 Onde ela ensinou
 Por toda sua vida
 como muito acreditou.

Para que a população
 Pudesse alfabetizar
 Foi que Antonieta fez
 Esse curso prosperar
 Cheia de dedicação
 Colocou-se a lecionar.
 (Arraes, 2020, p.18)

Na contemporaneidade existem dois projetos voltados para a alfabetização da sociedade brasileira, intitulado como Programa Nacional da Educação (PNE) dividido em dois grupos: PNE de (2001 - 2010) e o PNE de (2014-2024). Ao serem criados ambos têm o mesmo objetivo de atingir toda população no combate ao analfabetismo.

Conforme Ingrid Danielle de Paula em seu artigo *Do passado ao presente: analfabetismo, disparidades regionais e relações étnico-raciais (2024)* discursa através de teóricos que o planejamento foi ineficaz pela ausência de um projeto detalhado e a atenção referente aos negros e pardos que tem o acesso à educação tardia por causa da colonização, o período escravocrata e das leis pós-abolição que proibiam que os negros libertos acessassem as escolas públicas. Por isso, o programa da alfabetização não obteve o resultado desejado, tendo sua segunda versão que busca mudar os dados estatísticos até 2026.

Aos 17 anos, ela funda um curso particular com o objetivo de combater o analfabetismo em sua cidade. Professora formada por vocação, escolhe o mundo dos livros e torna-se uma grande escritora ao assinar diversas colunas em favor da educação. Dessa maneira, questiona a elite e não se deixa intimidar pelos inúmeros ataques sofridos.

Tinha muito envolvimento
 Com o assunto cultural
 E ainda em vinte e dois
 Ela fundou um jornal

Que chamou de A semana
Escrevendo para tal.
(Arraes, 2020, p. 19)

Além disso, em 1934, torna-se deputada estadual, a única negra e uma das três primeiras mulheres eleitas em Santa Catarina. Vale ressaltar que Antonieta ocupa um cargo relevante na sociedade, visto que, naquela época, o acesso à educação e ao poder era restrito àqueles que compunham a branquitude.

De política falava
Com bastante habilidade
Também sobre educação
E sobre a desigualdade
Na denúncia do machismo
E ao racismo no combate.

Ela também dirigiu
Uma revista quinzenal
Intitulada *Vida ilha*
Como mais novo canal
Trabalhou diariamente
E rompeu com o banal.
(Arraes, 2020, p. 19)

O cordel descreve a trajetória política e educacional de uma mulher negra que desafia as estruturas sociais. Mesmo com o ingresso tardio nos estudos, Antonieta de Barros transforma sua realidade através do conhecimento, ao assumir o protagonismo na história e ao confrontar o imaginário estereotipado sobre a mulher negra. O texto destaca sua faceta de escritora, “quis um livro publicar / E usou um outro nome para enfim concretizar / Como Maria da Ilha / Escreveu seu exemplar”. O uso do pseudônimo "Maria da Ilha" evidencia as restrições impostas às mulheres no campo literário da época, barreiras que Antonieta subverteu para fazer ecoar sua voz.

Assim, como Maria Firmina dos Reis mencionada outrora, Antonieta de Barros se destaca na escrita em um contexto em que a mulher negra era vista como cuidadora do lar da mulher branca. Em conformidade com Patrícia Collins (2022), a discussão da interseccionalidade presente na história caracteriza a mulher negra ao novo modelo de escravidão e mantém a mulher branca no lugar de senhora. No verso, e usou um outro nome é importante destacar, pois, muitas mulheres negras usam nomes masculinos para conseguir ter textos publicados.

Já alguns anos depois
Quis um livro publicar
E usou um outro nome

Para enfim concretizar
 Como Maria da Ilha
 Escreveu seu exemplar.

Foi também profissional
 De grande orientação
 Professora e diretora
 Com convicta intenção
 Foram várias escolas
 Onde pôs a sua mão.
 (Arraes, 2020, p. 19)

Por seu grande caráter
 Era muito admirada
 Pelos seus jovens alunos
 Ela era celebrada
 Porque era obstinada
 Coerente e respeitada.
 (Arraes, 2020, p. 20)

O cordel apresenta a conquista política de Antonieta de Barros diante das barreiras que ela rompe para que outras mulheres negras possam conquistar posições de destaque na sociedade. Note os versos, “Deputada estadual / Antonieta se tornou / A primeira do estado / Como assim se registrou / E foi negra que o país efetivou”. Essa vitória é significativa porque a sociedade costuma valorizar apenas a escrita de pessoas com alto nível de escolaridade, embora os dados estatísticos confirmem que a educação não foi um processo igualitário, visto que o Estado negligencia, de forma estratégica, a qualidade de ensino e de vida da população negra.

Já na década de trinta
 Se juntou ao movimento
 Por progresso feminino
 Exigido no momento
 Era a FBPF
 Com que teve envolvimento.

Conto ainda mais um fato
 Que ela protagonizou
 E marcou a nossa história
 Como líder de valor
 Pois abriu mais uma porta
 Profundo que chegou.

Deputada federal
 Antonieta se tornou
 A primeira do estado
 Como assim se registrou
 E foi negra
 Que o país efetivou.

Com essa grande conquista
 Chegou a se transformar
 Na primeira mulher negra
 Com um mandato popular
 Pelo partido liberal
 Pela educação lutar.
 (Arraes, 2020, p. 20)

Nos versos, com essa grande conquista/ Chegou a se transformar/ Na primeira mulher negra / Com um mandato popular / Pelo partido liberal/ Pela educação lutar. De acordo com Sueli Carneiro (2011) cita que na construção da identidade da mulher negra não lhe foi ensinado a saber o que se desejava ser, principalmente pela ausência da representatividade. O eu lírico aponta que Antonieta procura um caminho da educação e que mulheres negras pudessem se orgulhar da identidade que carregam. Nesta perspectiva, ela alcança através da escrita e do conhecimento uma posição social na política de Santa Catarina. Visto que, a maioria das mulheres negras ocupam historicamente espaços de trabalhadoras com papéis sociais exclusivamente únicos de subserviência no imaginário coletivo da sociedade brasileira.

(...) Segundo dados divulgados pelo Ministério do trabalho e pelo Ministério da justiça na publicação Brasil, gênero e raça, “as mulheres negras ocupadas em atividades manuais perfazem um total de 79,4%. Destas, 51% estão alocadas no emprego doméstico e 28,4% são lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, serventes. (Carneiro, 2011, p.128)

Os dados confirmam o diálogo do sexismo com a interseccionalidade nas histórias das afrodescendentes que camufla a desigualdade social construída através do racismo estrutural e institucional.

Então veio a ditadura
 De Estado Novo conhecida
 E depois de sua queda
 Ela fez-se embravecida
 Conquistando muito mais
 Grandemente merecida.

Antonieta foi incrível
 Na política um destaque
 Foi a pura pioneira
 Sempre pronta pro combate
 A primeira mulher negra
 Para vários debates.

Por inteira a sua vida
 Viveu como educadora
 Jornalista ou deputada

Se manteve ensinadora
Com lições educativas
E também libertadoras.

As palavras que usou
Espalhou pela nação
E com tudo semeou
A melhor revolução
Pelo espaço feminino
Pela sua Negra Ação.

É por isso que eu digo:
Antonieta é exemplar
E além de inspiradora
Pode muito desbravar
Foi abrindo os caminhos
Pra gente também passar.
(Arraes, 2020, p. 21)

Note, os adjetivos presentes no cordel: educadora, ensinadora, libertadora, inspiradora são colocados de forma estratégica para abordar a mulher negra diferente do lugar de subalternidade que a mídia apresenta nas telenovelas e filmes. O eu lírico cita à ditadura como um momento histórico que a sociedade enfrenta, a censura do regime militar marca o silenciamento de muitos escritores, momento em que ela se posiciona na luta e destaca-se na política. Nestes versos, *E com tudo semeou a melhor revolução*. A palavra revolução é significativa nos versos, porque marca o caminho da conquista pelos direitos sociais, sendo eles: lazer, moradia, alimentação dos negros. O direito de ocupar espaços que lhe foi tirado pelo regime escravocrata. A revolução que a escrita representa ao reescrever a história pela ótica daqueles que são marginalizados de forma estratégica pelo sistema político da sociedade brasileira.

A revolução está em concordância entre Dandara e Antonieta ambas buscam abrir caminhos para que as próximas gerações tenham espelhos valorativos para se inspirar. Arraes (2020) utiliza o gênero textual cordel como uma estratégia discursiva de trazer histórias silenciadas para a cena e protagonismo na sociedade brasileira.

Pras mulheres brasileiras
Ela é grande liderança
Deve ser muito lembrada
De adulto até criança
Pela sua honestidade
Por sua perseverança.

Nas escolas não ouvimos
Essa história impressionante

Mas eu uso o meu cordel
Que também é importante
Para que você conheça
E não fique ignorante.

Que você também espalhe
Isso que acabou de ler
Para que muitas pessoas
Tenham a chance de saber
Quem foi essa Antonieta
Como foi o seu viver.

Esse é o nosso papel
Considero obrigação
Para acabar o preconceito
Para espalhar informação
Destruindo esse racismo
E gerando inspiração.

Eu e todas as mulheres
Neste verso agradecemos
E esperamos que em frente
Sempre juntas caminhemos
E lembrando Antonieta
Certo que nós venceremos.
(Arraes, 2020, p. 22)

Para os encaminhamentos finais e em diálogo com as próximas figuras históricas analisadas nesta dissertação, reitera-se a relevância das representações de mulheres negras na esfera política e em demais espaços de prestígio. Tal medida visa impactar as futuras gerações, ao analisar a educação como um instrumento basilar de transformação social. Por fim, busca-se fomentar um ensino pautado na equidade e assegurar que os sujeitos se reconheçam em diversos contextos sociocultural.

SEÇÃO III

OS DIÁLOGOS ENTRE A ESCRITA DE CORDEL E LENDA DE JARID ARRAES

Neste capítulo, apresenta-se um diálogo entre os gêneros literários cordel e lenda utilizados por Jarid Arraes para narrar a história das heroínas negras presentes nesta dissertação. Neste texto, o cordel e a lenda dialogam entre si com o objetivo de relatar a narrativa historicamente apagada de Dandara dos Palmares do imaginário coletivo visto que não há registros oficiais sobre a personagem.

O eu lírico confere vitalidade à narrativa do nascimento da jovem, apresenta-se como heroína e figura lendária, ao mesmo tempo em que estabelece relações entre sua trajetória e as religiões de matriz africana. Nesse sentido, chama atenção o uso do adjetivo “heroína” para caracterizar Dandara, que passa a ser compreendida como um símbolo de mulheres que ultrapassaram os limites do imaginário social, orientadas pela construção de um país mais igualitário.

Para entender os gêneros cordel e lenda, a cordelista Clotilde Tavares (2011) contribui na construção desta compreensão. A lenda é um texto descritivo que explica acontecimentos, sejam eles históricos, reais ou elementos fictícios. Possui introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão. Sua função é explicar aspectos culturais ao relatar na oralidade histórias e repassar para as próximas gerações.

No que se refere à organização, Clotilde Tavares (2011) explica que o cordel possui uma estrutura de folheto, contém as dimensões de 15 x 11 cm, o papel utilizado geralmente é o de jornal. A numeração das páginas fica a critério do escritor, porém, é viável que siga o múltiplo de oito com o objetivo de aproveitar a dobra da folha. Outro ponto a ser destacado é que os folhetos mais curtos entre 8 e 16 páginas são cordéis que abordam algum tema ocorrido na região, e os mais longos, de 32 e 48 páginas, são aqueles que contam histórias de romance ou ficção. Ademais, a regra estrutural aponta que deve haver acentuação na 3ª e 7ª sílaba em busca de marcar métrica mais utilizada no cordel.

Ao escrever as sextilhas em redondilha maior, é necessário que exista rimas consoantes, a qual a 1ª, 3ª, e 5ª são livres e a 2ª, 4ª e 6ª necessitam rimar. A autora Jarid Arraes escolheu escrever em septilhas (estrofes de 7 linhas) e em sextilhas (versos com seis linhas). A primeira e a terceira são livres. A quinta, sexta, segunda, quarta e sétima

precisam rimar entre si. Outra característica é a xilogravura presente no cordel para ilustrar o assunto que está sendo contado, na obra analisada, antes da apresentação dos cordéis, há uma xilogravura de mulheres como referências às heroínas negras.

As temáticas que o gênero pode conter são diversas, sendo recorrentes narrativas de amor e sofrimento, o ciclo mágico e maravilhoso, histórias envolvendo cangaceiros e beatos, além de textos de caráter noticioso. Também se destacam relatos de valentia, a presença de anti-heróis, o viés humorístico e picaresco, bem como folhetos de discussão e de cunho educativo, entre outras possibilidades temáticas.

Ao longo das análises, percebe-se que as histórias presentes no texto se entrelaçam por possuírem semelhanças e correlações ancestrais. Conforme Jurema Oliveira (2022) as marcas da ancestralidade são colocadas em dois pontos: a primeira é ancestral de essência mítica, onde existe a presença de divindades. A segunda é a essência histórica e refere-se àquelas pessoas negras que vieram antes. Observe a definição apresentada pela intelectual:

[...] E é nessa cadência que os ancestrais se movimentam harmonizando e engedrando as forças mantenedoras das práticas sociais sustentadoras da tradição transmitida de geração à geração, pois as tipologias ancestrais se corporificam na linguagem de autores contemporâneos que valorizam a oralidade que detêm as marcas da ancestralidade. (Oliveira, 2022, p. 36)

Ao considerar isso, a ancestralidade é transmitida por gerações e reproduzidas pelas/os intelectuais negras/os contemporâneos, para que a tradição da resistência seja mantida. Dandara e Maria Felipa são duas mulheres que foram apagadas da historiografia brasileira. No entanto, permanecem vivas na tradição oral e despertam o interesse de pesquisadores sobre a sua existência. Jurema Oliveira (2022) explica que a história é guardada por ágrafos que contam a narrativa oralmente. De modo geral, o narrador é um ancião da comunidade.

A compreensão da ancestralidade se constrói ao longo da escrita, sobretudo quando se evidencia que Dandara viveu em território alagoano, espaço que também marca a origem dos avós da autora desta dissertação. Em seguida, observa-se que outras trajetórias estabelecem conexões com a Ilha de Itaparica, em Salvador, ampliando a rede de referências históricas e culturais. Figuras como Maria Felipa e André Rebouças aparecem como conterrâneos da teórica Bárbara Carine, cujas contribuições fundamentam esta dissertação.

O entrelaçamento desses percursos evidencia uma dinâmica cultural de matriz africana, na qual as experiências individuais se conectam e se ressignificam por meio da literatura. Nesse sentido, as obras literárias possibilitam o resgate de histórias e memórias que, muitas vezes, foram silenciadas. Assim, a heroína negra em destaque, Dandara, inscreve seu legado na cidade de Alagoas, reafirmando sua importância histórica e simbólica.

3.1. A resistência de Dandara dos Palmares na luta contra a escravidão.

As lendas de Dandara (2016)

Ao pensar em Dandara dos Palmares, questiona-se os fatores que levam a personagem histórica a não se tornar símbolo do dia 20 de novembro ao lado de Zumbi dos Palmares. Essa discussão desperta inquietações sobre a ausência dos registros históricos que marcam a existência da heroína. Com isso, Jarid Arraes (2016) reconstrói a busca a partir do gênero textual lenda, de modo a contar a história que se torna uma inspiração para os jovens no tempo atual e no futuro.

A presente obra analisada retrata desde o nascimento até a morte de Dandara, possui introdução, desenvolvimento, clímax e fim. Dito isso, ressalto que *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes (2016), surge em primeiro momento numa coluna da revista *Questão de gênero*, com o intuito de protestar contra o patriarcado e o racismo estrutural presente no Brasil. A crítica, a priori, aponta para a ausência e o apagamento histórico de Dandara dos Palmares. Após a edição no formato de livro, a lenda foi publicada em julho de 2015 sem a ajuda de custo de editoras, e mesmo com a ausência de uma divulgação, a obra foi um sucesso e logo depois teve a segunda edição, patrocinada pela casa editorial, que é a edição de análise desta dissertação.

Na mesma perspectiva analítica, os recursos fantásticos presentes na obra fazem referência à valorização das matrizes africanas, sobretudo, na escolha dos nomes dos personagens. Na introdução, Arraes destaca que

Para escrever *As Lendas de Dandara*, eu trouxe elementos de fantasia – meu gênero predileto de ficção – e busquei a valorização das religiões de matriz africana, fazendo com que Iansã fosse a responsável pela criação de Dandara. Tomei a liberdade para criar um nascimento poético e misterioso, algo que fizesse total sentido com as poucas informações que temos sobre Dandara, já que não se sabe ao certo onde Dandara nasceu e como foi parar em Palmares. Essa foi a oportunidade perfeita para inserir uma narrativa lendária e mágica. (Arraes, 2016, p. 8)

Jarid Arraes (2016) descreve o nascimento de Dandara na perspectiva das religiões de matrizes africanas, após uma reunião entre os orixás que discutem sobre o sofrimento em África. De acordo com esse cenário, Iansã muitas vezes não conseguia controlar os seus sentimentos referentes às inquietações do povo africano. Pierre Fatumbi Verger Carybé (1997) em seu livro *Lendas Africanas dos orixás* conta a história de cada ser presente nas matrizes africanas.

Dessa maneira, na reunião mencionada pela literata, encontra-se presente Exu. Sua personalidade é descrita como o mais astuto e sutil. Ogum é o conquistador e Rei. Oxóssi, rei africano da terra de Ifé. Ossain é considerado o rei das folhas. Olagbirin é aquele que não recusa um combate. Xangô e Iansã, grandes guerreiros. Todos juntos com o propósito de buscar uma alternativa para ajudar os seus filhos da terra.

Iansã precisou viajar algumas vezes ao passado até compreender totalmente o que acontecia: quando conseguiu engolir a dor dilacerante que a sufocava ao ver o sofrimento dos seus filhos, atentou-se para as expressões e intenções mais íntimas das pessoas mais claras. Viu em seus corações uma imensa camada de ódio e desprezo, tão profundos que criavam raízes nas veias de seus corpos e agiam como uma erva venenosa em suas mentes. "Eles pensam que são superiores!", concluiu espantada. Jamais havia visto algo como aquilo, nem mesmo quando povos inimigos guerreavam na África. Era algo pior e mais danoso. (Arraes, 2016, p. 13)

Iansã, assim como os outros orixás, não entendia os motivos pelo qual os brancos tratam os negros de forma desumana. E, antes de tomar qualquer decisão, a orixá precisa realizar diversas viagens para compreender o comportamento dessas pessoas. Nessas idas e vindas, reuniões, discussões, surge a ideia de criar uma mulher que teria o nome de Dandara, retratada por Jarid Arraes na imagem abaixo:

Imagem III: Criação de Dandara na ilustração de Jarid Arraes



Fonte: (Arraes, 2016, p. 19)

Arraes (2016) constrói a personagem histórica Dandara dos Palmares como uma heroína negra e a sua missão era libertar os seus irmãos escravizados. Ao observar a citação sobre a personalidade de Iansã, afirma-se que a jovem carrega as características de Iansã e nunca estaria sozinha pelo fato da sua mãe acompanhá-la em toda trajetória de vida.

À medida que convocava nuvens e ventos para compor sua criação, Iansã ordenava que uma tempestade se formasse. Canalizando todos os seus sentimentos, Iansã conduzia a revolta e a raiva ao encontro da paixão e da vontade selvagem, pois queria criar uma filha movida pela ausência de medo. "Minha filha será uma extensão de mim", repetia enquanto movimentava os braços, orquestrando a tempestade que se formava a ponto de explodir. (Arraes, 2016, p. 16)

É notório a personalidade de Iansã e a sua vontade de trazer à terra uma mulher negra, a qual o papel fundamental seria ir contra o sistema escravocrata. Na lenda, o desejo de Iansã era ir à terra, sobretudo, ela não podia intervir devido ao seu poder. O nome Iansã, segundo Ivan Poli (2019) “Iya (o)san (mãe da noite) e Iya Mesan (mãe dos nove, sendo que estes nove podem ser filhos ou céus)” (Poli, 2019, p. 1991)

O arquétipo da orixá, segundo Poli (2019) diz que Iansã é uma guerreira ou a única que segura os chifres de búfalo. Essa afirmativa aponta que ela se transforma em búfalo para caçar alimento para os seus nove filhos. Conforme Ivan Poli (2019), os mitos das divindades estão presentes nos reinos iorubás pelas regiões da África.

O início da narrativa descreve o percurso mítico da orixá ao plano terreno, motivada pela busca de um refúgio para Dandara. Em um plano acima da terra, Iansã observa a figura de Bayó, personagem identificada pela narradora como uma mulher escravizada em processo de fuga. Ao observar a localização da referida mulher em direção ao quilombo, as tempestades intervêm no plano físico de forma estratégica para posicionar a criança em sua trajetória.

Iansã então adiantou-se no caminho que a mulher percorria, com a intenção de deixar Dandara para que fosse resgatada pela fugitiva. Para se certificar de que a mulher passaria exatamente pelo local onde Dandara deveria ser encontrada, Iansã fez com que raios atingissem as árvores de todo o território, provocando um grande incêndio que se espalhava pela mata, exceto no trecho por onde a mulher deveria passar. (Arraes, 2016, p. 17)

Nesse contexto, após ser acolhida por Bayó e integrada ao Quilombo dos Palmares, Dandara começa a construir uma consciência política que anseia pela emancipação de seu povo. A heroína aprende que cada um tem um papel importante no

quilombo, todos são interligados e se um vier a falhar, todos irão falhar. Apesar da jovem gostar da luta, os afazeres do quilombo lhe trouxeram maturidade para compreender que ele estar além de um grupo de pessoas, eles praticam a teoria Ubuntu diante de suas ações coletivas.

Dandara tinha aprendido que cada papel tinha a sua importância na manutenção e defesa de Palmares. Sem que alguém cozinhasse alimentos fortes, os guerreiros não poderiam lutar; e sem que alguém fosse buscar as ervas na beira do rio, uma quantidade muito maior de pessoas acabaria morrendo. (Arraes, 2016, p.34)

Para Ngomane (2023) a filosofia Ubuntu pode ser interpretada como um estilo de vida passado pelos seus avós africanos, o qual pode-se observar presente na vivência do quilombo. Apesar de Dandara dos Palmares sonhar em ser guerreira, ela respeita a comunidade, sabia que todos precisam crescer e trabalhar juntos para que ninguém do quilombo ficasse para trás ou fosse preso. Diante disso, ninguém da comunidade se denominava autossuficiente na perspectiva de “eu sou apenas porque você é.” (Ngomane, 2023, p. 33)

Em diálogo com a definição de quilombo, apresenta-se a intelectual Beatriz Nascimento (2018) que o explica como uma comunidade e também, a lembrança da resistência e o marco histórico da população negra. Dessa maneira, o desenvolvimento da lenda mostra o crescimento de Dandara dos Palmares, seus sonhos, medos, superações ao treinar, e suas angústias quando não podia ir para a luta apenas por sua condição de gênero.

Entretanto, ao percorrer a mata para marcar pontos logísticos de abastecimento aos guerreiros, Dandara projeta planos de ataque e táticas para fuga. Em dado momento, ao buscar um ponto elevado na mata, a protagonista observa a captura de um sujeito escravizado por um capitão do mato. Tal cena evoca uma profunda indignação, ao estabelecer relação direta com o arquétipo de Iansã e sua repulsa à opressão colonial.

Neste capítulo, ao olhar o céu e em seu pensamento evocar o sonho de tornar todos os seus irmãos donos do próprio destino, aponta: “Queria que todas as mulheres fossem guerreiras, assim como ela almejava ser.” (Arraes, 2016, p. 41) Por conseguinte, um vento forte se forma e no meio de tal turbulência, a orixá Iansã aparece: “Eu sou Iansã, deusa das tempestades. Dandara, você é minha criação. Eu te criei do meu ser e te enviei para esta terra, para que traga liberdade aos meus filhos.” (Arraes, 2016, p. 48) Com isso,

Dandara em diálogo com a criadora descobre que o sentimento que sente faz parte do seu destino, como pode-se observar na imagem a seguir.

Imagem IV: O encontro de Dandara com Iansã.



Fonte: (Arraes, 2016, p. 50)

Após este acontecimento, Dandara procura um lugar ao lado dos guerreiros de Palmares para contribuir com as estratégias de luta. Visto que, segundo a lenda, é o seu propósito. “Se lutamos por liberdade, por que vamos manter a paz com pessoas que mantêm nossos irmãos como escravizados? Ou todos são livres ou ninguém é. (...) (Arraes, 2016, p.50) A liberdade é uma palavra simbólica na trajetória das heroínas por significar o romper com as estruturas coloniais em todos os ambientes sociais, a busca pela equidade e repensar espaços sociais para todos. Porém, no contexto de sofrimento do povo africano em solo brasileiro é perceptível que a paz não é uma possibilidade, enquanto o povo sofria dia e noite.

O desfecho da lenda se forma quando a heroína, sozinha, liberta seus irmãos do navio negreiro e a partir desse feito a liderança do quilombo aprova sua presença na guarda. “- Ela lutou sozinha contra quatro homens brancos! – Exclamava, gabando-se como se isso também tivesse testemunhado.” (Arraes, 2016, p. 63) Todos ficam admirados com a coragem da heroína.

Ao mesmo tempo em que luta, Dandara vive um romance com Zumbi dos Palmares, que era o líder do quilombo. Apesar do amor que tinha, ambos não confundem os papéis sociais na guarda, enquanto Zumbi queria proteger e ficar no quilombo, Dandara queria expandir e libertar todos escravizados das fazendas.

As notícias corriam rápido, apesar das grandes distâncias entre fazendas e engenhos. Todos repetiam relatos sobre a invasão de Palmares contra as terras de Arnosó, que nunca mais tinha sido visto. Alguns diziam que ele estava morto e que Dandara o havia matado de maneira lenta e cruel; outros contavam sua morte como um feito de Zumbi. Mas poucos espalhavam a verdade contada pelos homens que sobreviveram à invasão, amarrados nos arredores da Casa Grande: Arnosó estava desaparecido, ninguém sabia para onde tinha sido levado, se estava vivo ou se havia falecido. E isso era muito pior do que as fantasias de morte contadas em mil detalhes mentirosos. (Arraes, 2016, p. 88)

Dandara dos Palmares torna-se uma figura muito importante na luta contra a escravidão por sua participação e contribuição na libertação dos escravizados que residem nas fazendas forçadamente. Dito isso, ressalta-se a contribuição significativa para a construção do quilombo dos Palmares, um dos vários marcos que resiste contra o regime escravocrata do Brasil. O desfecho da lenda acontece quando o quilombo dos Palmares é invadido e os quilombolas resistem, sobretudo, não foi o suficiente diante da arma de fogo e repressão.

Zumbi percebia que aquela guerra era diferente das outras, mas tentava, a todo custo, estimular os guerreiros para que não se deixassem abater. Sua liderança era forte, e até obtinha frutos imediatos, pois conseguiram derrubar muitos do exército inimigo. Mas todo o esforço não era suficiente - estavam cansados e nervosos, preocupados com seus familiares e amigos, que tentavam fugir pela serra e se esconder. (Arraes, 2016, p.117)

Conforme a lenda descreve, Dandara e Zumbi não conseguem se despedir. E a morte da heroína é marcada pelo suicídio na pedreira, pois ela prefere suicidar-se ao tornar-se escravizada. Neste contexto, Grada Kilomba (2019) explica essa perspectiva: “Nesse sentido, o suicídio pode também emergir como um ato de tornar-se sujeito.” (...) (Kilomba, 2019, p. 189) Em diálogo, o ato de Dandara de escolher tirar a própria vida ao viver como escravizada no regime escravocrata, marca a sua resistência e reafirma sua personalidade como extensão de Iansã, sua criadora.

Na mesma perspectiva de análises, destaca-se os diálogos entre a lenda e o cordel a seguir, com o tema da presença de Dandara no quilombo dos Palmares, do nascimento até o matrimônio. O cordel é escrito em sete versos e chama-se de septilhas. A rima da segunda estrofe é marcada com as palavras liderado, casado e escravizado. Além disso, o adjetivo rima com dianteira. A sonoridade da estrofe descreve os caminhos de Zumbi dos Palmares.

Se você já ouviu falar
Da história de Zumbi
Peço então sua atenção
Pro que eu vou contar aqui

Talvez você não conheça
 Por incrível que pareça
 Por isso eu vou insistir

O quilombo dos Palmares
 Por zumbi foi liderado
 E nesse mesmo período
 Dizem que ele foi casado
 Com uma forte guerreira
 Que tomou a dianteira
 Pelo povo escravizado.
 (Arraes, 2020, p. 47)

Foi Dandara o seu nome
 Que é quase uma lenda
 Não há provas de sua vida
 E talvez te surpreenda
 Com um ar de fantasia
 De coragem e de magia
 Mas assim se compreenda.

Na estrofe acima, a métrica é marcada no verso seguido. Por exemplo: lenda rima com vida e fazem referência a Dandara. E assim, a sonoridade da estrofe continua com fantasia e magia. No verso, não há dados registrados, por Dandara ter sido mulher a interseccionalidade de gênero atravessa sua história, principalmente quando Zumbi marca o dia da consciência negra e Dandara não é mencionada como a guerreira que contribui na luta antirracista.

Não há dados registrados
 Sobre onde ela nasceu
 Se foi brasileira
 Ou na África cresceu
 Se ela tinha liberdade
 Ou se na dificuldade
 Ela livre se verteu.

O eu lírico aponta nesta estrofe do cordel os verbos no pretérito perfeito do indicativo e na terceira pessoa do singular: nasceu, cresceu e verteu. Esses apontamentos fazem referência a ausência do registro da heroína na historiografia brasileira. E também, por viver de forma desumana no período escravocrata.

Com Zumbi teve três filhos
 E seus nomes vou citar:
 Motumbo, Aristogíton
 E Harmódio a completar
 Eram esses rebentos
 De um casal muito sedento
 Que se uniu para lutar.

(Arraes, 2020, p. 48)

Essa assertiva estabelece um diálogo direto com a protagonista na obra *As Lendas de Dandara*, de Jarid Arraes (2016), na qual a liberdade é apresentada como um elemento intrínseco à sua subjetividade desde o nascimento. Tal configuração permite traçar um paralelismo entre as trajetórias afetivas de Dandara e Iansã, cujas identidades se entrelaçam na narrativa. Segundo a genealogia mitológica proposta por Pierre (1997), a relação de Iansã com o campo do desejo e da alteridade é marcada por uma natureza metamórfica: o episódio em que Ogum a surpreende despindo-se de sua pele de búfalo simboliza o encontro entre a força bruta e a estética divinizada. Encantado com a beleza de Iansã, pensa em cortejá-la e guarda sua roupa de caça.

Ao constatar o desapossamento de seu invólucro de búfalo e a presença de Ogum, logo questiona se ele a teria pego. Ogum prontamente disse que casa com Iansã. Diante da proposta matrimonial, Pierre (1997) aponta que devido o sumiço dos seus trajes, Iansã aceita o casamento, após isso, dá à luz a nove crianças.

Porém, continua em busca dos seus trajes, as esposas de Ogum sentem ciúmes de sua beleza, e embriagam Ogum com o intuito de descobrir a verdadeira história de Iansã. As mulheres começam a confrontar a jovem e nessas falácias revelam onde estão os seus trajes. Após isso, todas saem, a guerreira vai até o celeiro e encontra sua pele, sacode, veste e se transforma. O pensamento vingativo é matar todas as mulheres e deixar apenas seus nove filhos vivos.

Uma semelhança entre as histórias de romance de Dandara e Iansã é que Dandara se casa com Zumbi por amor, na ficção da lenda e Iansã aceita o casamento por ter perdido sua pele. Dandara não queria estar nos limites do ser mulher, na visão subjugadora do machismo e eurocentrismo, mesmo a lenda que narra o amor deles consegue-se ver semelhanças no cordel de que o casamento para Dandara não é prioridade.

Chimamanda Adiche (2015) em seu livro *Sejamos todas feministas*, traz a discussão referente às mulheres serem preparadas para o casamento ou buscar o príncipe, enquanto o homem é projetado para ocupar lugares de poder.

Se repetimos uma coisa várias vezes, ela se torna normal. Se vemos uma coisa com frequência, ela se torna normal. Se só os meninos são escolhidos como monitores da classe, então em algum momento nós todos vamos achar, mesmo que inconscientemente, que só um menino pode ser um monitor da classe. Se só os homens ocupam cargos de chefia nas empresas, começamos a achar

“normal” que esses cargos de chefia só sejam ocupados por homens. (Adiche, 2015, p. 16 e 17)

A citação afirma como os estereótipos são construídos no inconsciente com a participação da mídia que reforçam constantemente a figura masculina relacionada ao poder, dominação e liderança. Com isso, nota-se que Arraes (2020) ao trazer em seu cordel apontamentos, como: Um papel limitador/ Ser a mãe que cozinhava / tendo um perfil cuidador remete justamente ao patriarcado que busca determinar o papel das mulheres na sociedade. Observe na sextilha abaixo com os verbos no particípio, sendo eles: limitador e cuidador referem-se ao papel da mulher na sociedade patriarcal.

Mas Dandara não queria
Um papel limitador
Ser a mãe que cozinhava
Tendo um perfil cuidador
As batalhas lhe chamavam
E seus olhos despertavam
Pelo desafiador.
(Arraes, 2020, p. 48)

Guerrear pelo seu povo
Era o que lhe motivava
O sonho da liberdade
Para todos cultivava
Sendo muito decidida
Era até envaidecida
Pela força que ostentava.

A palavra radicalismo mencionada no cordel, pode partir de dois diálogos. Segundo a ativista Sueli Carneiro (2009) em um determinado momento da sua trajetória enquanto escritora repensa a escrita agressiva como um comportamento esperado pela branquitude para afirmar que pessoas negras são indivíduos agressivos. No entanto, Jarid Arraes (2020) utiliza o termo no cordel para referir a personalidade idêntica de Dandara com Iansã.

Um fator que se destacava
Era o seu radicalismo
Pois não aceitava acordo
Com senhores do racismo
Que ofereciam terras
Para acabar com a guerra
No interesse do cinismo.

Porque tinha bem certa
Uma baita opinião:
Liberdade para poucos

Não conforta o coração
O quilombo que existia
Para todos lutaria
Sem abrir uma exceção.

Época isso que Dandara
Tinha fé no guerrear
Confiava nas batalhas
Para tudo transformar
A paz só existiria
Pelo que conquistaria
Para a todos libertar.
(Arraes, 2020, p. 49)

Nas estrofes apresentadas, guerrear pelo seu povo / Era o que lhe motivava / O sonho da liberdade / Para todos cultivava / Sendo muito decidida / Era até envaidecida / Pela força que ostentava. Pode-se perceber que a perspectiva de Dandara está à frente do pensamento da época, a qual está inserida. Apesar de ter se casado como conta a história, o seu maior objetivo era de lutar pela liberdade de seu povo. Sendo assim, enfatiza-se alguns adjetivos presentes nas estrofes que caracterizam a personalidade de Dandara: decidida e forte. Ao imaginar um pensamento tão audacioso para aquele momento, a opção era silenciar Dandara com o objetivo de não deixar com que os escravizados sonhassem com a liberdade.

Uma mulher negra e líder rompe com as intersecções de raça, gênero e classe de uma sociedade que o patriarcado domina. Essa aparição é compreendida por ameaçar os privilégios do sexo masculino. O eu lírico descreve as habilidades de Dandara na luta por ter domínio na capoeira. A capoeira é uma forma que os guerreiros treinam entre si como uma forma de preparação para invadir as fazendas, além de ser uma forma de resistência.

Liderava os palmarinos
Lado a lado com zumbi
Entre espadas e outras armas
Escutava-se o zunir
Dos seus golpes tão certos
Que aplicava bem ligeiros
Para ferir ou confundir

Certa vez, numa viagem
Suguiu uma invasão
Da cidade de Recife
No meio de um sopetão
E Zumbi ficou chocado
Até mesmo impressionado
Por tamanha ambição.

As oxítonas presentes na estrofe: invasão, supetão e ambição dão entonação nos versos para referenciar as estratégias de Dandara no quilombo. Sendo assim, ela é a pessoa que calcula os ataques do quilombo ao saírem do território palmarino para libertar os escravizados nas fazendas.

Não chegaram a completar
O seu plano audacioso
Mas notamos nesse caso
Um exemplo grandioso
Da braveza que mostrava
E Dandara assim reinava
Com Palmares orgulhoso.

As ações que aconteciam
Que os guerreiros de Palmares
Com Dandara concluíram
As senzalas arrombavam
Plantações até queimavam
E em poder evoluíam
(Arraes, 2020, p.50)

O eu lírico marca o quilombo com os seguintes adjetivos: audacioso, grandioso, braveza e orgulhoso. O legado do quilombo cria esperança nos africanos em pensar uma vida com liberdade. E o símbolo dessa liberdade é marcado com fogo, como simbolizado abaixo:

Imagem V: Dandara com a tocha na mão simboliza liberdade para os seus irmãos.



Fonte: (Arraes, 2016, p. 86)

Na estrofe a seguir, Dandara foi marcada pela sua força e seu pensamento de resistência. Por isso, Jarid Arraes (2020) classifica como heroísmo o ato, pois sua decisão é uma forma de se proteger de ser escravizada e viver de forma desumana.

O quilombo dos Palmares
Era assim tão majestoso
Que os brancos despeitados
Tinham um medo horroroso
Planejavam o destruir
Mas chegavam a ruir
Sendo o ataque desastroso

Muitos anos desse modo
Foi Palmares resistindo
Até que um final ataque
Acabou lhe destruindo
E Zumbi traçou a fuga
Para não largar a luta
Pela mata foi partindo.
(Arraes, 2020, p.51)

Mas Dandara, encurralada
Teve só uma opção
Para não ser capturada
Nem cair na escravidão
Atirou-se da pedreira
Com convicção inteira
De negar-se à prisão.

O quilombo dos Palmares surge como uma comunidade que busca dar refúgio para várias pessoas com o intuito de viver uma vida longe de todo martírio submetidos. A sua localização era na região densa e obtinha um acesso pela Serra da Barriga, o que era um ponto positivo para o seu crescimento. O nome Palmares é escolhido porque na região dispunha de muitas palmeiras. A sociedade palmarina conta com uma organização de assembleias para tomada de decisões, economia, agricultura, cada pessoa tem sua função na comunidade e juntos, todos se defendem de possíveis ataques.

Palmares era um mocambo, que constituem, historicamente, espaços de abrigo ou habitações precárias formadas por pessoas escravizadas em fuga no Brasil colonial e imperial. Frequentemente associados aos quilombos, esses locais simbolizam práticas de resistência e a busca pela liberdade. Naquela época, a maior aldeia era conhecida como

Macaco, considerada a capital do quilombo. A resistência dura mais de 100 anos contra a coroa portuguesa, várias batalhas são vencidas, Zumbi dos Palmares e Dandara dos Palmares são uns dos líderes presentes na persistência da comunidade. Abaixo, cita-se os principais quilombos brasileiros, os dados apresentados na tabela são retirados do livro *Retrato do negro brasileiro* de Clóvis Moura (1994):

Tabela VI: Quilombos que existiram no Brasil.

Estados	Quilombo
Bahia	Rio vermelho, Urubu, Jacuípe, Jaguaribe. Maragogipe, Muritiba, Campos de Cachoeira, orobó, tupim, Andaraí, Xiquexique, Buraco do Tatu, cachoeira, Nossa Senhora dos Mares, Cabula, Jeremoabo, Salitre, Real, Inhambupe, Jacobina até o rio São Francisco.
Minas Gerais	Ambrósio (quilombo Grande), Campo Grande, Bambuí, indaial, Careca, Sapucaí, Morro de Angola, Paraíba, Ibituruna, Cabaça, Luanda, Guinda, Lapa do isidoro, Brumado, Caraça, Inhicionado, Suçuí, Serra de São Bartolomeu, Marcela, serra de Marcílio.
Pernambuco	Ibura, Nazareth, catucá, Par picado, Maiunguinho, Terra dura, Japormim, Buenos Aires, Olinda, entre outros.
Paraíba	Cumbe, Serra de Capuaba, Gramame, livramento.
Região Amazônica	Oiapoque, Mazagão, Alenquer, Alcobaça, entre outros.
Rio de Janeiro	Manuel Congo, Margens do Rio Paraíba, Serra dos órgãos, Leblon, entre outros.
Rio Grande do Sul	Negro Lúcio, Arroio, Serra dos Tapetes, Manuel Padeiro, Rio Pardo, Distrito do conto, Montenegro.
Santa Catarina	Alagoa, Enseada do Brito, outros quilombos menores.
São Paulo	Araraquara, Tambou, tietê, Campina, entre outros.
Sergipe	Capela, Itabaiana, Divina Pastora, Itaporanga, Laranjeiras, Socorro, Estância, Vila Nova, dentre outros.

Fonte: (Moura, 1994, p. 25 a 30)

Posto isso, observa-se que o Quilombo dos Palmares, apesar de sua expressiva magnitude e relevância histórica, não foi incluído na presente tabela por não constar no recorte específico da obra *O racismo como arma ideológica de dominação*, de Clóvis Moura (1994). Ainda assim, Palmares se destaca por sua ampla expansão, consolidando-se como o principal núcleo de resistência negra no Brasil colonial. O desenvolvimento de sua estrutura político-social configurou-se, inclusive, como uma ameaça direta à ordem colonial vigente. Nas estrofes a seguir, é retratada a morte de Dandara:

Até mesmo a sua morte
 De heroísmo foi repleta
 E a mensagem que anuncia
 Entendemos bem completa:
 Rejeitar a rendição
 É a nossa condição
 Como um grito de alerta.
 (Arraes, 2020, p.51)

O eu lírico apresenta o pensamento da heroína diante de escolher entre a morte ou escravidão. As palavras “repleta” e “completa” fazem referência ao heroísmo da história de Dandara, principalmente por destacar o recato de que a rendição jamais seria uma condição de entrega para as forças armadas do colonialismo.

Há quem diga que Dandara
 É um símbolo lendário
 Que está representando
 Um poder imaginário
 Heroína para a gente
 Como deusa que ardente
 Traz o revolucionário

Observe-se o esquema de rimas presente na estrofe: “lendário”, “imaginário” e “revolucionário”. A primeira expressão remete à construção de Dandara como figura lendária, reafirmada na escrita de Jarid Arraes. A segunda aponta para a permanência de sua história no imaginário coletivo, mantida viva por aqueles que a narram. Já a terceira, recorrente nos quatro cordéis, sugere um movimento de reflexão, no qual cada jovem, em seu contexto, é convocado a repensar seu papel de protagonismo na sociedade.

Se existiu como se conta
 Ou se a lenda representa
 Para mim tudo resume
 Essa luta que apresenta
 Baluarte feminina
 A guerreira palmarina
 Na memória se sustenta.

Imagem VII: A morte de Dandara



Fonte: (Arraes, 2016, p. 122)

Observem o último verso da estrofe que diz, na memória se sustenta, remete a importância de deixar a memória viva das tradições africanas e repassá-las. De acordo com o *site Géledes*, o 20 de novembro é idealizado por Oliveira Silveira que repensa o dia da Consciência Negra, por ser a data que marca a morte de Zumbi dos Palmares, e o 13 de maio está ligado à assinatura da princesa Isabel que marca o fim da abolição.

Tal assinatura exhibe o teatro político que aborda a luta abolicionista de todos. Após isso, nota-se a estratégica política para controlar as revoltas existentes e revelam os descontentamentos da elite referente a abolição ao excluir o direito dos negros da constituição. Por isso, comemorar o dia da Consciência Negra no dia 13 de maio é reforçar o discurso apresentado por Emília Viotti (2008).

Dia 20 de novembro
Dia de lembrar Zumbi
É também dessa Dandara
Que devemos incluir
O seu nome celebrado
Sim, merece ser honrado
E no peito se sentir.
(Arraes, 2020, p.52)

Irene Cardoso (2000) defende que ao pensar em registros históricos, eles não devem se limitar àqueles que realizam o trabalho da escrita, tendo em vista o contexto e a memória de cada indivíduo. Ao refletir sobre a problemática do processo de escrita durante os registros históricos, Cardoso afirma que

De um modo conciso, é importante retratar apenas alguns aspectos desse debate presente na historiografia, com o objetivo de encaminhar a questão a ser propriamente focalizada nos pontos de especificidade da construção de uma narrativa histórica cuja atenção esteja voltada para os esquecimentos na história,

em que estes não se constituam simplesmente em tema, mas possam ser pensados como “ausências” que induzem à produção de uma escrita, que permita traduzi-las em “objetos pensáveis”. Um trabalho de construção em história para o qual estas “ausências” significa também construções de silêncios, de lacunas, de não-ditos, cujo sentido embora apagados possam ter se constituído, ou se constituir ainda, em “cenários organizadores da história” cuja simbolização pode tomar a forma de uma escrita da história. (CF. De Certeza, 1982). Um trabalho de construção da história que teria como base mais propriamente a memória histórica das sociedades. (Cardoso, 2000, p.4)

Em consonância com o que foi dito em *Afrografias da memória*, Leda Martins (1997) ressalta sobre a importância e a valorização da história, contada a partir da lembrança. Dessa maneira, ela busca contribuir a partir da oralidade as histórias que não foram registradas por não possuírem o poder aquisitivo para ter seu espaço.

E a escritora, tecendo magistralmente os fios da lembrança e do esquecimento, do vivido e do teorizado, constrói estas Afrografias da memória: grafias da oralidade, transcrições, nesse mundo dos livros, das inscrições ágrafas que os congadeiros, em seus rituais, souberam preservar. (Martins, 1997, p.2)

Com isso, Martins (1997) e Cardoso (2000) buscam entrelaçar a oralidade e a escrita para fundamentar as narrativas dos africanos que são construídas em territórios que não eram da sua origem, diante do cenário da escravidão que ocasiona a desterritorialização dos negros que procuram resistir culturalmente, socialmente e politicamente. Contudo, a história da heroína é omitida ao ponto dela não se tornar símbolo de resistência ao lado de Zumbi dos Palmares. Desse modo, ressalto que as imagens presentes neste tópico de análise encontram-se em forma de desenho por não haver registro fidedigno da imagem de Dandara dos Palmares. A saber, a história de Maria Felipa apagada pelo sistema é resgatada por Bárbara Carine que traz visibilidade para sua trajetória ao criar a escola Maria Felipa.

Dessa maneira, ao considerar os silenciamentos que atravessam a construção histórica de figuras como Dandara, torna-se pertinente ampliar o olhar para outras mulheres negras cujas trajetórias também foram, em grande medida, invisibilizadas. Nesse contexto, a próxima seção se volta para a figura de Maria Felipa de Oliveira, cuja atuação na luta pela independência evidencia outras formas de resistência feminina negra, igualmente marcadas pelo apagamento histórico e pela necessidade de reinscrição na memória coletiva.

3.2. Maria Felipa de Oliveira

A ex-escravizada Maria Felipa de Oliveira nasce em Itaparica e protagoniza a própria história ao utilizar a liberdade para combater os marinheiros portugueses. A

baiana marca sua existência deixando-a viva na tradição oral da ilha de Itaparica. Conforme Jurema Oliveira (2022) destaca, as histórias passadas de gerações é um marco da população negra, com o objetivo de manter os relatos apagados dos ancestrais vivos, na cultura africana.

Nesse viés, Chimamanda Adiche (2019) enfatiza que todas as histórias importam e devem ser mencionadas no processo educacional de cada indivíduo. Por isso, é de suma importância a visibilidade que Jarid Arraes (2020) e Bárbara Carine (2023) remetem à trajetória de Maria Felipa.

O Banco do Brasil cria um projeto “FACES negras importam” organizado por Aline Najara da Silva Gonçalves, Rejane Mira e Silviane Ramos Lopes da Silva. Por intermédio dessas mulheres, busca trazer o rosto das mulheres negras que tiveram sua identidade usurpada pelo sistema escravista. Convém salientar que as fotografias apresentadas são processos realizados pela inteligência artificial.

Sob a ótica de Fanon (2020), o racismo opera como uma expropriação identitária, com o objetivo de alienar o sujeito negro do seu berço cultural. Tal fenômeno é intensificado por uma estrutura social que, deliberadamente, renega esses indivíduos a papéis subalternos. Ao cunhar o conceito de 'máscaras brancas', Fanon (2020) descreve a hegemonia de um mundo eurocêntrico que, historicamente, impõe processos de desumanização e a internalização de padrões culturais como forma de dominação. Enquanto as “Dandaras” e “Marias” foram limitadas ao protagonismo, reduzidas aos seus espaços, por serem mulheres negras. Afirma-se isso a partir deste projeto que viabiliza os rostos dessas mulheres para manter suas histórias vivas no imaginário coletivo da sociedade brasileira.

Imagem VIII: Maria Felipa - inteligência artificial



Maria Felipa é marisqueira e trabalha na indústria Baleeira, não existe registro sobre o nascimento. Todavia, alguns estudos apontam que “(...) Sua data de falecimento é de 4 de janeiro de 1873, entre os 73 e 74 anos. Uma longa vida, produtiva vivida.” (Silva, 2022, p.114) O lugar chamado Arraial da Ponta das baleias é atualmente chamado de Tupi, que significa “cerca de pedras” por existir recifes de corais no local. De acordo com a tradição oral, a guerra pela Independência da Bahia acontece em 7 de janeiro de 1823 por ser um território importante para os portugueses, por causa da alimentação. Dessa forma, Maria Felipa se destaca por liderar as “vedetas” que iam até os barcos dos invasores (os portugueses), saqueiam e depois incendiam. As vedetas são consideradas um grupo de combatentes. “Maria Felipa de Oliveira foi uma realizadora da própria independência numa sociedade escravocrata e, com seu exemplo, disse a todas as mulheres negras que nossos projetos de liberdade e autonomia são possíveis.” (Silva, 2022, p.114)

Consoante Cidinha Silva (2022) a heroína negra dilapida os paradigmas do lugar único da mulher na sociedade ao revelar e inspirar outras que é possível ocupar outros espaços, assim como Antonieta de Barros que ocupa espaço no ambiente político. Apesar das três viver momentos diferentes, suas histórias estão interconectadas pela interseccionalidade de raça, gênero e classe. Jarid Arraes (2020) relata em cordel a bibliografia da heroína:

Nos registros brasileiros
a injustiça predomina
e o danado esquecimento
na injustiça se culmina
pois ainda não se acha
tudo o que se examina.

Esquecida da história
 As mulheres ainda estão
 sendo negras, só piora
 esse quadro de exclusão
 sobre elas não se grava
 nem se faz uma menção.
 (Arraes, 2020, p. 97)

Cito a Maria Felipa
 Exemplar essa guerreira
 natural de Itaparica
 foi na ilha marisqueira
 e lutou tão bravamente
 liderando na trincheira
 (Arraes, 2020, p. 97)

Mulher negra corajosa
 E também trabalhadora
 Era muito bem querida
 pela gente sofredora
 um exemplo irreparável
 de uma mulher pelejadora.

O eu lírico, na primeira estrofe, com as palavras “injustiça” e “esquecimento” fazem referência ao apagamento histórico de Maria Felipa. Os adjetivos que descreve Maria Felipa e marcam a rima do cordel, são: corajosa, trabalhadora, querida, irreparável e pelejadora. Essa descrição permite que a juventude possa se espalhar em uma mulher negra que muda o caminho da sua trajetória com o desejo de liberdade, assim como Dandara sente em Alagoas.

Na ilha de Itaparica
 No estado da Bahia
 Ela assumiu o comando
 Da batalha que zunia
 Pela então independência
 Da Bahia onde vivia.
 (Arraes, 2020, p. 98)

A imagem da jovem é vinculada a liderança, batalha, comando, pelejadora, esses adjetivos na matriz africana remetem a orixá Iansã que ocupa lugar de destaque nas guerras, segundo Ivan Poli (2019). O eu lírico também ressalta que Maria Felipa sai do status objeto para o status sujeito, ou seja, ela reivindica o protagonismo da própria história.

O verso “natural de Itaparica” reforça o sentimento de pertencimento da heroína negra. Embora careça de registros historiográficos formais acerca do nascimento, a

memória preserva e celebra pela tradição oral da comunidade local. Paralelamente, os versos "Mulher negra corajosa / E também trabalhadora" evidenciam a intersecção entre raça, gênero e classe no Brasil ao explicitar que as mulheres necessitam ser fortes em todo momento. Tal construção reitera a figura feminina negra é historicamente projetada para o labor braçal e para a resistência ininterrupta diante de um racismo estrutural e sistêmico.

Ivan Poli (2019) reflete sobre a ilha e a representação da água relacionada a orixá Iemanjá torna-se significativa:

Não é em todas as cidades iorubás que Iemanjá se relaciona diretamente com o mar, apesar de estar presente na maioria delas. Contudo, está ligada às águas, de alguma forma, na maior parte. Pois as águas e suas deusas (e deuses) fazem parte da cosmologia de quase todas as cidades iorubás, o que não quer dizer que todas as águas sejam o mar. [...] (Poli, 2019, p. 149)

A água não é um fator crucial para a presença de Iemanjá nas histórias iorubás, porém a água faz parte do seu contato, esse apontamento existe para evitar a limitação de sua presença em outros ambientes que não tenha água. Com isso, a água é um elemento importante na história de Maria Felipa e essa compreensão partirá dos versos abaixo, notem:

Essa Maria Felipa
As mulheres liderou
eram cerca de 40
as mulheres que se juntou
e com muita ousadia
grande incêndio provocou

A estética da estrofe é marcada pelos verbos no pretérito perfeito do indicativo utilizados como uma forma de diálogo entre as quatro heroínas que compõem a presente dissertação.

reunidas as guerreiras
por Felipa lideradas
colocaram fogo alto
nas embarcações chegadas
e que eram inimigas
da gente mobilizada.

As embarcações queimadas
Dizem ser mais de quarenta
Mas também há quem afirme
Que a contagem nem se tenta
Pois tamanha quantidade
Facilmente não se ostenta.
(Arraes, 2020, p. 98)

As mulheres reunidas
e dotadas de esperteza
prepararam uma armadilha
com o engano da beleza
seduziram os portugueses
bem sabidas com destreza.

Seduzidos e animados
eles foram enganados
já estavam até sem roupa
quando foram espancados
com galhos de Cansação
Acabaram bem surrados
(Arraes, 2020, p.98)

Ao ler as sextilhas três e quatro “As mulheres que se juntou/ e com muita ousadia/ grande incêndio provocou / reunidas as guerreiras / por Felipa lideradas /colocaram fogo alto / As embarcações queimadas/ Dizem ser mais de quarenta” Existe uma semelhança do fogo como uma forma de protestar contra a escravidão e mandar um recado: as violências que atravessam os negros naquele momento não seria para sempre.

Consoante *Alma Preta*, um site de estudos africanos, o fogo, representado na história africana como um símbolo de justiça e força, pertence ao orixá Xangô. Desse modo, os termos “incêndio, fogo alto, embarcações queimadas”, presentes no cordel, estão ligados à busca da justiça. Desse modo, as heroínas de Itaparica necessitam de estratégias militares para vencer os navios, os registros não deixam explícitos, porém, acredita-se que Maria Felipa domina as técnicas de capoeira assim como Dandara e juntamente com o seu grupo feminino buscam formas de vencer os portugueses. A palavra “seduzida” nos versos passa por duas interpretações: A primeira como uma visão sexualizada do corpo feminino negro e a segunda a estratégia de seduzir os portugueses e matá-los.

Cansação é uma planta
Que provoca queimadura
Similar a tal Urtiga
O queimado sem firula
ainda mais se não tiver
proteção duma armadura

Mas o caso aqui contado
não é o único ou o final
já que a Maria Felipa
era líder sem igual
e com muita inteligência
fez de si fenomenal.

Muitos homens e mulheres
 muitas classes e etnias
 encontravam em Felipa
 heroína de ousadia
 e por isso se guiavam
 pelo que ela lhe dizia.
 (Arraes, 2020, p. 99)

To com a sua gente
 ela então fortificou
 as praias de Itaparica
 e também organizou
 o envio de alimentos
 para quem deles precisou.

Além desses mantimentos
 que Felipa garantiu
 Ela também foi pra guerra
 como nunca antes se viu
 e bastante ativamente
 nos conflitos emergiu.

outro caso memorável
 que aqui posso contar
 foi uma tal cerimônia
 para a Bandeira de hastear
 quando Guimarães das uvas
 ela resolveu surrar.

Para nesse português
 ela dar uma lição
 Felipa também contou
 com a organização
 de mais força feminina
 que lhe estendeu a mão.

Ela era negra e pobre
 e morava no convento
 casarão assim chamado
 porque nesse embasamento
 só morava ali a gente
 que só possuía o vento.
 (Arraes, 2020, p.100)

As heroínas Maria Felipa e Dandara dos Palmares tem semelhanças relevantes, duas mulheres negras que vive no contexto escravocrata. Sobretudo, não se conformam com o destino projetado pelo sistema institucionalizado. Assim, ambas utilizam a liberdade como um instrumento de luta e resistência. Usam o fogo como uma forma de

avisar aos homens brancos que a resistência logo mais traria a liberdade para todos os negros. Ademais, lideram com determinação e ousadia.

Mas se não tinha dinheiro
era então trabalhadora
corajosa imponente
grandemente inspiradora
tinha a pura vocação
de nos ser libertadora.

Na sextilha acima, o eu lírico apresenta a interseccionalidade de raça, gênero e classe discutida por Patrícia Collins (2022). Em diálogo com a história da heroína pode-se notar a desigualdade social, pois trabalhava muito, mas não tinha dinheiro. Esse trecho refere-se que mesmo Maria Felipa ter trazido inspiração para o povo africano, ela não teve o reconhecimento devido na história.

Ela até por escritores
foi em livros registrada
Xavier Marques foi um
Que lhe fez então citada
E também Ubaldo Osório
quando da ilha contava.

Há quem diga sem acanho
que ela foi inspiração
para Maria da Fé
de um livro sobre a nação
viva o povo brasileiro
é sua intitulação.
(Arraes, 2020, p. 101)

Heroína negra e forte
líder dessa Independência
para o povo da Bahia
é imensa essa influência
que dela jamais esquece
por sua resiliência.

Como fica muito claro
nosso povo tem história
e por isso nós devemos
o respeito e a memória
para Maria Felipa
que viveu imensa Glória.
(Arraes, 2020, p. 101)

A estética do cordel está presente na rima que é marcada pelas paroxítonas com terminação em ditongo (ia): história/ memória/ glória. A palavra história que afirma a

importância dos negros nos registros históricos, memória refere-se ao silenciamento e que jamais foi esquecida pelos seus anciãos que passam seus feitos de geração a geração. E por fim, glória, seu caminho árduo trouxe resultados significativos para a luta africana.

Na história do Brasil
as mulheres negras são
baluarte e segurança
Com grandeza e emoção
lutadoras dessa Terra
e heroínas da nação.

Que a partir desse momento
nossa história vá gravada
tendo o reconhecimento
pela Batalha travada
pois só assim que teremos
nossa alma bem lavada.
(Arraes, 2020, p.102)

Dessa maneira, a palavra alma presente no verso acima marca a ancestralidade como uma transformação, visto que permite reconhecer e se identificar com seus semelhantes na perspectiva de união pelas memórias e saberes que são deixados pelos antepassados. "Contar nossas histórias é estratégia, hábito de sobrevivência, modo de potencializar a vida, de resistir, de reexistir. (Machado, 2021, p. 409). Com isso, busca-se inspirar, orgulhar e espelhar na força da negritude.

Nesse viés, Bárbara Carine cria uma escola para despertar o sentimento de pertencimento nas próximas gerações e ensinar a cultura africana pela ótica dos silenciados. Em homenagem à heroína negra, a instituição carrega o nome de Maria Felipa. Atualmente, localizada na rua Comendador José Alves Ferreira, 60 – Garcia, Salvador- BA / 40 100-160. A grade curricular pedagógica aponta que a aprendizagem é pautada em uma socialização igualitária com um projeto histórico descolonial, coletivo, assim explica na página virtual Maria Felipa na *Web*.

O objetivo geral da escola Maria Felipa é promover uma educação afrocentrada. Certamente com o foco nas questões étnico-raciais e, sobretudo, para que as crianças possam crescer com os aprendizados e pluralidades discursivas. A escola Maria Felipa mostra à sociedade que é possível idealizar e realizar a construção de um ensino, onde todos possam ser incluídos e representados. Efetivamente, o ambiente em que cada um consiga se ver como protagonistas do próprio caminho.

Ao pensar na idealização da instituição Maria Felipa compara-se aos ideais de uma educação para todos definidos na trajetória de Maria Firmina dos Reis. Existe uma comparação entre ambas que buscam trazer uma educação igualitária para todos, as épocas são distintas, sobretudo, o objetivo era o mesmo.

Considerações finais.

Para os encaminhamentos finais desta dissertação, aponta-se que a discussão se baseia nos conceitos da literatura afrocentrada em diálogo comparativo com a educação antirracista com o objetivo de destacar que ambas estão entrelaçadas em busca da equidade na sociedade brasileira. Segundo Bárbara Carine (2023) discursa “uma educação onde todos possam sentir-se vistos necessita ser antirracista”. A teórica convida a sociedade refletir ao utilizar a pedagogia da implosão com intuito de revelar a sociedade, de que não é apenas sobre incluir e sim aceitar um indivíduo com toda história ancestral.

Além disso, confirma-se diante dos dados estatísticos apresentados no decorrer do texto a ausência de mulheres negras como protagonistas na história, literatura e telenovelas entre outros ambientes que possam dar representação e visibilidade para a escrita negr.

Com isso, a interseccionalidade de raça, gênero e classe presente nas análises comparativas revela os atravessamentos nas histórias de Antonieta de Barros e Maria Firmina dos Reis que vivem em estados diferentes, porém, a interseccionalidade de raça, gênero e classe contribuí para que elas não fossem vistas como protagonistas de suas histórias. Beatriz Nascimento (2021) argumenta que mesmo após anos de escravidão as manifestações racistas nas poesias, consciência social e na literatura ainda é frequente. Por exemplo, ao observar determinados estudos como apontados no decorrer do texto, percebe-se o descaso de intelectuais com os estudos de raça por defender que os adjetivos utilizados na escrita para caracterizar pessoas negras não se classificam em racismo.

Por isso, os textos literários que compõem a análise comparativa desta dissertação de mestrado trazem uma nova visão para a história única contada e ressalta a cultura africana que permite o encontro das histórias ao interligar passado e presente. Nesse viés, no decorrer do texto se afirmar que a educação antirracista é um instrumento para mexer com as estruturas que insistem em limitar espaços sociais para as mulheres negras. Com isso, a experiência pedagógica demonstra que é possível alcançar adolescentes que possam mudar seu pensamento acerca das estruturas do sistema governamental que tenta camuflar o racismo na cidade contemporânea.

A segunda seção complementa a ideia de uma educação igualitária, a qual duas mulheres negras proporcionam meios para que todos possam ter acesso ao ensino que

reflita a presença de todas as culturas. A terceira seção evidencia a cultura africana ao afirmar que através da ancestralidade as histórias se encontram.

Portanto, o ato de escrever a história na perspectiva de mulheres negras que compõem uma parte significativa deste texto é reivindicar espaços que outrora foram tirados, ao contar uma única versão quando todas as versões importam e constroem quem somos.

Referências

- ADICHE, Chimamanda Ngozi. **Sejam todos feministas**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2015.
- ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.
- ALONSO, Angela. **Obra Flores, Votos e balas O movimento abolicionista brasileiro (1968-88)**. Ed. Companhia de Letras. São Paulo, 2015.
- ALVES, Miriam. **A literatura negra feminina no Brasil – Pensando a existência**. Ed. Revista da ABPN. Paraná, 2011.
- ANDERSON, Robert Nelson. **O Quilombo de Palmares: Uma nova visão geral de um estado quilombola no Brasil do século XVII**. Revista de Estudos Latino-Americanos, v. 28, n. 3, p. 545-566, 1996.
- ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. Ed. de cultura LTDA. São Paulo, 2016.
- ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. Ed. Seguinte. São Paulo, 2020.
- AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 36ª edição. Ed. ática. São Paulo, 2000.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Ed. Companhia de Letras. São Paulo, 2022.
- BERNARDO, Augusto Sérgio dos Santos. **A lenda e a lei: A ancestralidade afro-brasileira como fonte epistemológica e como conceito ético-jurídico normativo**. Ed. Revista Odeere. Bahia, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- CARDOSO, Irene. **Narrativa e história**. Ed. Revista. Sociol. São Paulo, 2000.
- CARNEIRO, Sueli. **Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não ser como fundamento do ser**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2023.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. Ed. Selo Negro. São Paulo, 2011.
- CARNEIRO, Sueli. **Retratos do Brasil Negro**. Ed. Afiliada Selo Negro. São Paulo, 2009.

COLLINS, Patrícia Hill. **Bem mais que ideias. A interseccionalidade como teoria social crítica.** Ed. Boitempo. São Paulo, 2022.

COSTA, Emília Viotti. **A abolição.** Ed. Unesp. São Paulo, 2008.

CUTI. **Literatura negro-brasileira.** Ed. Selo Negro Edições; 1º Edição. Janeiro, 2010.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas.** Ed. Ubu. São Paulo, 2020.

GONZALES, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira.** In: Revista ciências sociais hoje, 1984. P.223 – 244. Rio de Janeiro.

JUNIOR, Renato Nogueira dos Santos. **Afrocentricidade e educação: os princípios gerais para um currículo afrocêntrico.** Revista África e Africanidades. Rio de Janeiro, 2010.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação.** Ed. Cobogó. Rio de Janeiro, 2019.

MACHADO, Adilbenia Freire. **Filosofia Africana do Encantamento tecida por mulheres negras: poética de re-existências para descolonização do conhecimento.** Ed. Revista de filosofia Aurora. Paraná, 2021.

MARTINS, Leda. **Afrografias da memória: o Reinado do rosário em Jatobá.** Ed. Mazza. São Paulo, 1997.

MASSETTI, Paula. **Seleção de poemas Maria Firmina dos Reis.** Ed. da Câmara. Maranhão, 2018.

MATOS, de Gregório. **Obra Poética.** Rio de Janeiro: Record, 1992.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues. **Silêncios Prescritos: Estudos de romances e autoras negras brasileiras (1859-2006).** Ed. Malê. Rio de Janeiro, 2019.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **A história do ensino da literatura no Brasil: problemas e possibilidades para o século XXI.** Ed. Educar em revista. Curitiba, 2014.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro.** Ed. Ática S.A. São Paulo, 1992.

MOURA, Clóvis. **O preconceito de cor na literatura de cordel.** Ed: resenha universitária. São Paulo, 1976.

MOURA, Clóvis. **O racismo como arma ideológica de dominação.** Ed. 34, agost/set/Out. São Paulo, 1994.

- NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, Quilombola e intelectual: possibilidade nos dias da destruição.** Ed. Filhos da África, 2018.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras.** Ed. ZAHAR. Rio de Janeiro, 2021.
- NASCIMENTO, Elisa Larkin. **A África na escola brasileira.** 2ªEd. Rio de Janeiro, 1993.
- NGOMANE, Mungi. **Ubuntu todos os dias: eu sou porque nós somos.** Ed. BestSeller. Rio de Janeiro, 2023.
- NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **A cor do inconsciente.** Ed. perspectiva. São Paulo, 2021.
- OLIVEIRA, Jurema. **A ancestralidade e as narratologias.** Ed. APPRIS. Curitiba, 2022.
- PASSOS, Maria Clara Araújo dos. PINHEIRO, Bárbara Carine. **Do epistemicídio à insurgência: o currículo decolonial da Escola Afro-Brasileira Maria Felipa (2018-2020)** Ed. Portalseer. Bahia, 2021.
- PAULA, Ingrid Danielle. **Do passado ao presente: analfabetismo, disparidades regionais e relações étnico-raciais.** Ed. Inter-Ação. Goiânia, 2024.
- PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Descolonizando saberes.** Ed. Lf editorial. São Paulo, 2020.
- PINHEIRO, Bárbara Carine. **Como ser um educador antirracista.** Editora planeta do Brasil LTDA. São Paulo, 2023.
- PINHEIRO, Bárbara Carine. **E eu, não sou intelectual?** Ed. Planeta. São Paulo, 2025.
- POLI, Ivan. **Antropologia dos orixás: a civilização iorubá a partir de seus mitos, seus orikis e sua diáspora.** Ed. Pallas. Rio de Janeiro, 2019.
- REIS, Maria Firmina. **Úrsula.** Ed. MonteCristo Editora. São Paulo, 2021.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala.** Ed. Pólen Livros. São Paulo, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista.** Ed. Companhia de Letras. São Paulo, 2019.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2018.

SANTOS, Luana Fernanda Rodrigues dos. **A questão do racismo nos poemas de Gregório de Matos: Aportes iniciais sobre literatura e sociedade: Aportes iniciais sobre a literatura e sociedade.** Ed. UVIVAP. Paraíba. Disponível em: [RE_0781_0906_01.pdf](#) Acesso> 01/11/2025.

SANTOS, Mayra Silva. **Mulheres negras professoras: uma análise interseccional de raça e gênero no Brasil.** Ed. Interação. São Paulo, 2024.

SCHWARTZ, Stuart B. **Mocambos, quilombos e Palmares: a resistência escrava no Brasil colonial.** *Estudos Econômicos (São Paulo)*, v. Especial, pág. 61-88, 1987.

SILVA, Cidinha. **200 Anos de independência e suas heroínas: Maria Felipa de Oliveira, uma mulher negra na luta pela independência na Bahia.** Ed. Revista do centro de pesquisa de formação. São Paulo, 2022.

SILVA, Iranildo. **O letramento e o ensino de literatura: Por que não ensinar com os clássicos?** Ed. Humanidades e inovação. Tocantins, 2020.

SILVA, Livia Maria Baêta. FREITAS, Joseania Miranda. **A Irmandade de nossa senhora da boa morte, uma perspectiva museológica e de gênero.** Ed. I ENECULT. São Paulo, 1992.

SOUZA, Florentina da Silva Souza. **Olhares sobre a literatura afro-brasileira.** ED. Quarteto Editora. Salvador, 2019.

SOUZA, Leticia Santos. **Resenha As lendas de Dandara.** Ed. Seconba. Bahia, 2024.

TAVARES, Clotilde. **O verso e o Briefing: A publicidade na literatura de cordel.** Ed. Bons Costumes. Natal, 2011.

VAZ, Livia Sant'Anna. **Cotas Raciais.** Ed. Jandaína. São Paulo, 2023.

VERGER, Pierre-Fatumbi. **Orixás.** Ed. Solisluna. Agosto, 2018.

Referências eletrônicas.

Alma Preta jornalismo. Disponível em: <https://almapreta.com.br/sessao/cultura/sincretismo-xango-e-sao-joao-compartilham-do-mesmo-fogo/> Acesso: 04/10/2025.

Alma Preta Jornalismo. Disponível em: [Mulheres negras alcançam 16% dos papéis em novelas da Globo, aponta estudo](#) Acesso: 01/11/2025.

Antonieta de Barros, a parlamentar negra pioneira que criou o Dia do Professor.

Por Aline Torres. Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/antonieta-debarros1-a-parlamentar-negra-pioneira-que-criou-o-dia-do-professor-por-alinetorres/>. Acesso em 15 de outubro de 2020.

Antonieta de Barros. Disponível em: <https://encurtador.com.br/Korjz> Acesso: 14/07/2025

Constituição (1824) Constituição Política do Império do Brasil. Rio de Janeiro, 1824.

Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constitui%C3%A7ao24.htm. Acesso: 30/02/2025.

ELLEN, Jessica. **Mulheres fantástica | Dandara.** Disponível em: <https://youtu.be/HsmvQHKrTK0?si=zKUzXu20W0CCdwXG> Acesso: 27/04/2025.

Escola Maria Felipa. Disponível: <https://escolamariafelipa.com.br/quem-somos/#:~:text=A%20Escola%20Afro%20brasileira%20Maria,partir%20de%20outros%20marcos%20civilizat%C3%B3rios> Acesso: 15/08/2024.

ESTUDANTE. Quem é Antonieta de Barros, primeira deputada negra que criou o

Dia do Professor. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2021/10/4955458-quem-e-antonieta-de-barros-primeira-deputada-negra-que-criou-o-dia-do-professor.html> Acesso: 23/05/2022.

Eurocentrismo. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=eurocentrismo&form=ANNTH1&refig=0BBF3F0C1E854621BEF40B2C5C73FF15&pc=ASTS> Acesso: 10/08/2024.

Faces negras importam Disponível em : <https://www.bb.com.br/docs/portal/dimac/BB-Faces-Negras-Importam-Maria-Felipa.png> Acesso: 14/07/2025.

Filme: A mulher Rei. Disponível: plataforma HBO MAX. Acesso: 02/08/2024.

História do Brasil: O fim do quilombo de Palmares. Disponível em: <https://youtu.be/-T5IcjCHNFY?si=HJceufnaW2GKcsXc> Acesso: 27/04/2025.

Lei 11.645 de 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/11645.htm Acesso: 18/07/2024.

Literatura afro - autoras- Carolina Maria de Jesus. Disponível: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso: 11/04/2024.

Literatura afro - autoras- Conceição Evaristo. Disponível: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso: 11/04/2024.

Literatura afro - autoras- Maria Firmina dos Reis. Disponível: <https://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/322-maria-firmina-dos-reis>. Acesso: 11/04/2024.

Maiores escritores brasileiros. Disponível em: https://www.ebiografia.com/maiores_escritores_brasileiros_que_voce_deveria_conhecer/ Acesso: 15/08/2024.

Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <https://images.app.goo.gl/uc7TPp7Pf8nNpjXz7> Acesso: 17/07/2025

Narrativas não expressam diversidade brasileira, dizem escritoras. Disponível em: [Associação Brasileira das Instituições Comunitárias de Educação Superior](https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/11/29/pesquisa-aponta-que-mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-le-livros) Acesso: 01/11/2025.

Pesquisa aponta que mais da metade dos brasileiros não lê livros. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2024/11/29/pesquisa-aponta-que-mais-da-metade-dos-brasileiros-nao-le-livros> acesso: 29/03/2025.

Pesquisa DataSenado detalha a violência doméstica contra mulheres negras: desigualdades e desafios <https://share.google/xCLzG2wrIcNQOnYl9> Acesso: 06/10/2025.

Pesquisa inédita encomendada pelo Projeto Seta e Instituto Peregrum revela racismo como principal fator de desigualdades. Disponível em: <https://projeto-seta.org.br/noticia/pesquisa-inedita-encomendada-pelo-projeto-seta-e-instituto-peregrum-revela-racismo-como-principal-fator-de-desigualdades/> Acesso: 30/02/2025.

Prêmio Educar reconhece projetos antirracistas e inclusivos de todo o país. Disponível em: <https://porvir.org/premio-educar-projetos-antirracistas-inclusivos/> Acesso: 29/03/2025.

SBMFC. Dandara dos Palmares. Disponível em: <https://www.sbmfc.org.br/dandara/> Acesso: 24/03/2022.

SILVEIRA, Evanildo de. Maria Felipa de Oliveira. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62353785> Acesso: 08/08/2024.

Viola Davis. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Viola_Davis Acesso: 04/08/2024.

Catédra de Antonieta de Barros. Disponível em: <https://catedraantonietadebarros.paginas.ufsc.br/quem-foi> Acesso: 12/03/2025.

Jarid Arraes: Bibliografia. Disponível em: <https://jaridarraes.com/biografia/> Acesso: 12/04/2026.